

Revista **Diversidade e Educação**



v. 1 n. 1 janeiro/junho 2013 - Rio Grande/RS

ISSN 2358-8853



Expediente

Núcleo Responsável:

Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
Endereço: Av. Itália km 8, Carreiros. (053) 3293-5073
Endereço eletrônico:
<http://www.sexualidadeescola.furg.br>
E-mail: sexualidadeescola@furg.br

Coordenadora:

Paula Regina Costa Ribeiro

Editora

Joanalira Corpes Magalhães

Jornalista Responsável:

Yéssica Lopes - MTB 16289

Colaboradores:

Paula Regina Costa Ribeiro – pribeiro@furg.br
Joanalira Corpes Magalhães – joanaliramagalhaes@furg.br
Raquel Pereira Quadrado – raquelquadrado@furg.br
Deise Azevedo Longaray – deiselongaray@furg.br
Juliana Lapa Rizza – juliana.rizza@furg.br
Suzana da Conceição de Barros – suzanabarros@furg.br
Dárcia Amaro Ávila – darcia.avila@furg.br
Ana Luiza Chaffe Costa - chaffe@vetorial.net
Maria Teresa Orlandin Nunes - mtnunes@furg.br
Benícia Oliveira da Silva – benicia.silva@furg.br
Fabiane Lopes Teixeira - fabilteixeira@hotmail.com
Lucilaine dos Santos Oliveira – lucilaineoliveira@furg.br

Diretor de Arte/Tratamento de imagem/Diagramação:

Alex Cristiano de Sena Garcia / Joanna Vaz

Apoio e patrocínio:

MEC. SECADI, PROEXC FURG

Impressão:

Gráfica e Editora Copiart Ltda

Tiragem:

1000 exemplares

As matérias, artigos e demais produções que compõe a revista são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as.

Qualquer parte dessa publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Endereço de Correspondência

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola- GESE
Av. Itália km 8 – Carreiros 96203-900
Fone:(053) 3293-5073
E-mail: sexualidadeescola@furg.br
Página do Grupo: <http://www.sexualidadeescola.furg.br/>

CAPA:

Ilustração de Alisson Affonso

Catálogo na fonte: Simone Godinho Maisonave / CRB 10/1733

R349

Revista Diversidade e Educação [recurso eletrônico] / Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande. v.1, n.1 (Jan./Jun. 2013). Rio Grande, 2013.

Periodicidade Semestral.

Disponível em:
<http://www.revistadiversidadeeducacao.furg.br/index.php/ct-menu-item-1.html>

ISSN 2358-8853

Revista do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

1. Educação – Periódicos 2. Sexualidade 3. Gênero

CDD 370

Apresentação



proposta da Revista Diversidade e Educação surgiu da possibilidade de compartilharmos com profissionais da educação, licenciandos/as, entre outros/as leitores/as, as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, bem como as suas articulações com as dimensões de raça, etnia, classe, religião, dentre outras. O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE – vem se dedicando, nos últimos 10 anos, a estudar, pesquisar, dialogar e debater tais temáticas, no sentido de possibilitar outros olhares e entendimentos acerca das mesmas.

Sabemos que essas temáticas ganharam centralidade na sociedade e encontram-se, hoje, presentes em diversos contextos educacionais – mídias, religiões, sistemas jurídicos, escolas, empresas, clubes, dentre tantos outros – entrelaçando-se ou confrontando-se e produzindo uma pluralidade de significados.

Porém, é no espaço da escola que a revista objetiva tecer suas compreensões sobre os corpos, gêneros e sexualidades, buscando problematizá-los como construções discursivamente produzidas na cultura.

Sabemos que essas temáticas estão às margens do currículo escolar, mas entendemos que é preeminente que as mesmas possam integrar o Projeto Político Pedagógico das escolas e que sejam discutidas pelo coletivo – equipe diretiva e pedagógica, docentes, discentes, funcionários/as e familiares – a fim de que possamos promover, no espaço escolar, a equidade de gênero, sexual e étnico-racial, a desconstrução de preconceitos e o combate à homofobia, ao sexismo e à misogênia.

Nosso desafio é contribuir para a construção de uma escola mais plural, que rompa com os binarismos presentes em nossa sociedade como homem/mulher, heterossexual/homossexual, normal/anormal, certo/errado, natureza/cultura, entre tantos outros que poderíamos enumerar. Assim, o GESE considera que desconstruir e desestabilizar esses binarismos é uma possibilidade de abirmos “brechas” para a emergência de outras maneiras de entendermos e pensarmos a respeito de mulheres, homens, crianças, gays, travestis, transexuais – seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades.

Refletir e problematizar sobre a diversidade de sujeitos, práticas, conhecimentos que transitam nos espaços educativos, talvez seja uma forma de promover uma educação que duvide das certezas, das verdades absolutas, da tolerância, ou seja, uma educação que celebre as diferenças, a pluralidade, a provisoriidade das identidades.

Esperamos, assim, que a revista possibilite aos/as professores/as, licenciandos/as, formadores/as, pesquisadores/as e demais leitores/as que se interessem por essas temáticas tecerem múltiplos significados sobre as questões presentes nas matérias e artigos.

O GESE convida a todos/as a participarem do desafio de contribuir para a construção de uma sociedade pautada na multiplicidade e na equidade de direitos. Desejamos a todos/as uma boa leitura!

Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro

Coordenadora do GESE
Professora do Instituto de Educação (FURG)
e doutora em Ciências Biológicas

Sumário

Editorial	2
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola	3
Educação Sexual, Orientação Sexual, Educação para a Sexualidade... ..	4
Diversidade	6
Corpos, Gêneros e Sexualidades: Questões que integram o PPP	8
As relações de gênero no espaço escolar	9
Uso do nome social para transexuais e travestis: um direito assegurado	10
Entre Biebers, Anittas e Marinas... estaria também, a sexualidade no apogeu da fama?	12
Gese ganha reconhecimento nacional	14
LIVRO “SEXUALIDADE: PAPO DE CRIANÇA NA ESCOLA? SIM!!!”: possibilidades de diálogo com alunos/as dos anos iniciais	16
“TEENcontrei: onde a gurizada se encontra” – relato de uma experiência possível no espaço escolar	18
Prevenção HIV/Aids	20
Artefatos: algumas possibilidades para a promoção de uma educação para a sexualidade	22
Homofobia: a rede social no facebook como fonte de difusão do preconceito	23
Galeras e Paqueras	24
Sites	24
Filmes e vídeos que abordam as diversidades	25
Fala aí, professor/a!	26

Cursos e ações promovidas pelo **GESE**

Curso de Extensão Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Diálogos e reflexões

Esse curso já está em andamento e tem como proposta discutir e problematizar temáticas acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade sexual e de gênero, contribuindo para o enfrentamento da violência homofóbica e sexista no âmbito das escolas. Seu público alvo são as equipes pedagógicas e diretivas da rede pública do município do Rio Grande. Os encontros foram organizados em 3 etapas:

1º Etapa: 13 e 14 de junho

2º Etapa: 26 e 27 de setembro

3º Etapa: 28 de novembro

Curso de Extensão Gênero e Diversidade na Escola

Esse curso é dirigido aos/às profissionais da educação da rede pública de Educação Básica e aos/às universitários/as dos cursos de licenciatura de Rio Grande, Bagé e Uruguaiana. Tem como objetivo discutir acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade sexual e de gênero, contribuindo para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica no âmbito das escolas. Os encontros estão organizados em 3 etapas. Em Rio Grande os encontros ocorrerão nos dias 12 e 13 de setembro, 17 e 18 de outubro e a etapa final em 28 de novembro.

I Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero

O GESE no contexto do projeto intitulado Observatório Brasileiro de Políticas Públicas de Promoção de Equidade de Gênero e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) em Educação, promove a I Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero, que elegerá as produções que mais se destacarem nas temáticas de diversidade sexual e de gênero.

A Mostra tem como objetivo contribuir com a promoção da equidade de gênero e a cidadania da população LGBT através da produção e difusão de informações importantes à comunidade sobre as questões relativas ao gêneros e às sexualidades e promover discussões acerca dessas questões para a minimização das representações e preconceitos atribuídos às mulheres e aos sujeitos LGBT.

As produções que irão ser submetidas à Mostra deverão estar relacionadas com alguma das temáticas listadas abaixo:

- combate à violência contra mulheres e homens;
- enfrentamento à homofobia;
- promoção da equidade de gênero;
- promoção da cidadania LGBT;
- igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

■ Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, ao longo de seu percurso, buscou, através de suas ações, investigar e questionar as assimetrias sociais decorrentes das configurações assumidas pelos gêneros, pelas classes, pelas raças/etnias e pelas identidades sexuais. Seguindo os princípios da nossa Universidade, estimula o espírito investigativo, a curiosidade e a criatividade, valorizando, com isso, o convívio social e a pluralidade intelectual.

O grupo está estruturado em cinco linhas de pesquisa: 1. Corpo, gênero e sexualidade na perspectiva dos Estudos Culturais; 2. Estudos da Corporeidade; 3. Educação, políticas do corpo e modos de subjetivação; 4. Gênero e ciência nos espaços educativos; 5. Infância e gênero. Essas linhas de pesquisa do GESE balizam seus estudos no entendimento de que as sexualidades, os corpos e os gêneros são construções históricas, sociais e culturais articuladas com as dimensões de classe e de raça/etnia. Assim, suas configurações constituem-se na correlação de elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação, na religião, nas políticas públicas, entre outros. O GESE é composto por pesquisadoras/es, bolsistas de iniciação científica, mestrandas/os, doutorandas/os e alunos/as da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Uruguaiana e professores/as do Ensino Fundamental da rede pública dos municípios do Rio Grande e de Uruguaiana. Um dos integrantes do Grupo de Pesquisa, o doutor Felipe Bruno Martins Fernandes participou, no ano de 2006, da elaboração e aprovação da 1ª Lei (Nº 6.257) que instituiu o Dia Municipal de Combate à Homofobia, 17 de maio, na cidade do Rio Grande. Esse dia foi escolhido pela Associação Internacional de Gays e Lésbicas e implementado no Brasil pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), porque, em 17 de maio de

1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do rol das enfermidades. Ao longo de sua trajetória, o GESE vem promovendo o curso *Sexualidade e Escola: discutindo a diversidade sexual, o enfrentamento ao sexismo e à homofobia*, para profissionais da educação que atuam na Rede Pública de Educação Básica de municípios da região sul do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, oferecemos o curso Gênero e Diversidade na Escola na modalidade extensão e aperfeiçoamento.

Esses projetos são financiados pelo MEC e têm como objetivo construir conhecimentos sobre a promoção, o respeito e a valorização da diversidade sexual e de gênero, colaborando com o enfrentamento à violência sexista e homofóbica nas escolas.

Ao longo desses anos, o GESE, publicou os seguintes livros: *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Iniciais*; *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Finais e Sexualidade*; *Escola: compartilhando saberes e experiências*; *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia, AIDS...*; *Gênero e diversidade na escola: saberes em diálogo na educação a distância*; *Sexualidade papo de criança na escolar? Sim!!!* e *Teencontri: onde a gurizada se encontra*.

Devido a essa produção científica, o GESE recebeu, em 2008, o 7º Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos, na categoria Produção Acadêmica, Grupo Arco-Íris e, em 2013, ganhou o Prêmio Educando para a Diversidade, Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual – IBDSEX.

Em 11 anos de atuação, o GESE estabeleceu inúmeros parceiros, dentre os quais, o grupo de pesquisa Enfermagem, Gênero e Sociedade da FURG e os grupos Estudos em Educação em Ciência, Estudos sobre Educação e Ciência como Cultura e Estudos sobre Corpo e Cultura, da UFRGS. Uma das ações promovidas em conjunto foi o I, II, III e IV Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade que, em 2004, 2005, 2009 e 2011, aconteceu na FURG e, em 2007, na UFRGS. Outra ação foi a organização e a publicação dos livros resultantes desses seminários: *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*; *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas*; *Corpo, gênero e sexualidade: composição e desafios para a formação docente*; *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida*.

Ao tecer essa narrativa sobre a trajetória do GESE, estamos construindo a sua identidade, pois, como destaca Larrosa, “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, 2002, p. 69)¹.

¹LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

Educação sexual, orientação sexual, educação para a sexualidade...

■ **Drn. Juliana Lapa Rizza (*)**

Diferentes são as terminologias utilizadas para um trabalho que se proponha a problematizar as questões de sexualidade e educação. Além disso, esse é um assunto polêmico, pois a escolha por um dos termos está carregada de significados produzidos em meio a conflitos teóricos.

Ao transitarmos por leituras que discutem as questões que envolvem a educação e a sexualidade, é comum encontrarmos diferentes termos sendo utilizados: ora algumas/alguns autoras/es falam em educação sexual; outras/os em orientação sexual; e outras/os ainda em educação para a sexualidade. No entanto, não paramos por aí, somente com essas três terminologias; ao longo dos anos é possível perceber inúmeras formas de nomear os trabalhos acerca da sexualidade, desenvolvidos no âmbito das escolas.

Constantina Filha, estudiosa que discute essas questões relacionadas à sexualidade e à formação inicial e continuada de professoras/es, menciona que inúmeros são os termos que vêm sendo cunhados por diferentes pesquisadoras/es.

E acredito que vocês leitoras/es poderiam citar outras tantas terminologias utilizadas para significar um

trabalho que vise discutir as temáticas de sexualidade e educação. Dentre os diferentes termos mencionados, aqui enfocamos três deles: dois que ganharam mais destaque ao longo dos anos, a educação sexual e a orientação sexual; e um termo que o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE – tem utilizado em suas ações.

A escolha por utilizar um desses termos não é simples, pois cada terminologia está carregada de significados, ou seja, elas emergem em meio a conflitos e tensões conceituais. Nesse sentido, a escolha por uma delas vai expressar também nossos entendimentos acerca das discussões que envolvem a educação e a sexualidade, pois à linguagem produz sentidos e constitui as formas de compreendermos o mundo a nossa volta.

Ao trazer essa discussão, não tenho a pretensão de estabelecer o uso de uma única terminologia para nomear um trabalho que problematize a educação e a sexualidade. A proposta é que possamos pensar acerca desses termos, colocando-os sob suspeita, não para chegarmos a respostas ou verdades absolutas, mas, sim, provisórias. Mobilizar o pensamento é desestabilizar, provocar, desacomodar, refletir, questionar... Então, faço o convite: Vamos suspeitar das nossas certezas e duvidar das nossas verdades, a fim de pensar outras possibilidades para nomearmos as discussões sobre sexualidade na instituição escolar?

Bem, se você continuou a leitura, é porque aceitou o convite e sentiu-se desafiada/o a pensar acerca do assunto em discussão nessa matéria. Sendo assim, vamos inquietar nossos entendimentos...

Dentre diferentes terminologias utilizadas, a educação sexual apresenta-se como a mais fortemente difundida, chegando a outros países, como Portugal e Espanha, que também adotam essa expressão para nomear um trabalho de educação e sexualidade nas escolas. No entanto, o termo educação sexual foi sofrendo alguns desgastes conceituais, por estar vinculado diretamente à práticas com enfoque biológico, higienista, moralista e até mesmo dessexualizado, ao utilizar uma linguagem didática que visava explicar as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, entre outros cuidados com o corpo que algumas vezes apresentavam-se como essencialistas e universalizantes.

EDUCAÇÃO DA
SEXUALIDADE

EDUCAÇÃO E
SEXUALIDADE

EDUCAÇÃO
SEXUAL

**EDUCAÇÃO
AFETIVO-SEXUAL**

Já na década de 90, emerge a terminologia orientação sexual, juntamente com a política pública instituída pelo Ministério da Educação – MEC, o Parâmetro Curricular Nacional – PCN –, no qual, em um de seus eixos transversais, está a temática da sexualidade nomeada como orientação sexual. Esse documento legal passa a ganhar legitimidade e destaque perante o termo educação sexual, utilizado anteriormente.

O termo orientação sexual refere-se também ao desejo afetivo e sexual que os sujeitos sentem um pelo outro, à heterossexualidade, à homossexualidade e à bissexualidade. Algumas/alguns estudiosas/os optam por não utilizar esse termo, pois o mesmo pode causar algumas confusões conceituais; contudo, o movimento LGBT – lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – tem se utilizado fortemente dessa terminologia;

orientação sexual.

Ao desenvolver um trabalho na escola acerca da sexualidade, é importante pensarmos no termo que utilizamos para nomear essa proposta, ou seja, a utilização dos adjetivos, conjunções e artigos, para então construir uma terminologia para discussões que abordem a educação e a sexualidade. É possível educar a sexualidade? Ao produzir e instituir uma nomenclatura, não estaríamos buscando educar a sexualidade dos sujeitos? Ou, ainda, não estaríamos buscando educar visando a produção e vivência de uma sexualidade “normal”, a heterossexualidade?

Essas provocações, mais uma vez remetem-nos à noção da linguagem, à utilização de uma terminologia, vai determinar nossas práticas pedagógicas, pois elas são produzidas em meio a disputas por significação, seja no âmbito de políticas públicas, como foi o PCN, que legitimou a utilização do termo orientação sexual, sejam as demais nomenclaturas que vão produzindo significados a respeito da sexualidade e da educação.

Outra terminologia utilizada é a educação para a sexualidade. Esse termo questiona e duvida das certezas, dos discursos considerados “verdadeiros”, únicos e legítimos, entendendo que há uma multiplicidade de formas de se trabalhar com a sexualidade na escola. Nesse sentido, a educação para a sexualidade visa problematizar e desconstruir os modelos hegemônicos e naturalizados de se compreender e

**EDUCAÇÃO DA
ÉTICA SEXUAL**

**EDUCAÇÃO DA
ÉTICA SEXUAL**

**ORIENTAÇÃO
SEXUAL**

**EDUCAÇÃO EM
SEXUALIDADE**

**EDUCAÇÃO PARA
A SEXUALIDADE**

viver a sexualidade, entendendo que os discursos que falam sobre a sexualidade são construções sociais, históricas e culturais e que essa teia discursiva produz os sujeitos.

A educação para a sexualidade visa a problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, questionando as certezas, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e poder. Articula questões que envolvem a materialidade biológica dos sujeitos a aspectos sociais, históricos e culturais como, por exemplo, desejo, prazer, curiosidade, respeito, conhecimento de si e do outro, relações de gênero, entre outros.

Em suas ações e pesquisas, o GESE tem se utilizado desse termo, educação para a sexualidade, por entender que ele possibilita um olhar mais amplo para as temáticas que envolvem a sexualidade.

Vale ressaltar que, embora não tivesse a pretensão de fixar um significado, considere importante apresentar o que estamos entendendo por um trabalho que discuta educação para a sexualidade no âmbito da escola. Além disso, não é possível fixar um significado, pois em seguida outros virão, colocando assim sob suspeita nossas certezas anteriores.

Tanto a educação quanto a sexualidade são construções sociais, históricas e culturais e, portanto, estão constantemente sofrendo outras produções/modificações, fixando alguns significados e excluindo outros. Sendo assim, ao trazer à tona essa discussão acerca das diferentes terminologias, tentei possibilitar que pudéssemos pensar acerca da importância da linguagem na produção de sentidos/ significados sobre a sexualidade e a educação.

(*) Doutoranda do PPG
Educação Ambiental (FURG)

Diversidade

Diversidade é uma palavra que temos visto e ouvido muito nos últimos tempos: na TV, nos sites de redes sociais, nas políticas públicas, nas revistas e jornais, e também em outros artefatos culturais e instâncias sociais que vêm trazendo à tona essa discussão. Mas afinal, o que é diversidade?

ARTEFATOS CULTURAIS são produções variadas – peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videoclipes, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos, entre outras – que são resultados de processos de construção cultural.

■ Profa. Dra. Raquel Pereira Quadrado (*)
■ Msn. Dárcia Amaro Ávila(**)

produzidas em meio a práticas de significação que se dão nas diversas instâncias sociais, dentre as quais a escola. Na escola atuam alguns elementos sociais que vão (re)produzindo masculinidades e feminilidades ao instituírem determinadas práticas como, por exemplo, quando nas filas, nos grupos de trabalho, nas atividades físicas e nas brincadeiras separa-se meninas e meninos, e ainda, quando são estabelecidas determinadas maneiras para sentar e portar-se em sala de aula, que são distintas para os alunos e as alunas. Tais práticas resultam dos significados que culturalmente têm sido atribuídos

às mulheres, como os gestos delicados, a forma de sentar, a graça, a vaidade, o trato com as crianças e com os assuntos domésticos, a afetividade, a timidez, etc. Aos homens, cabem os gestos e a fala forte, a maior aptidão física e não serem tímidos, afetuosos, delicados e não poderem chorar... Além disso, na escola também transitam sujeitos que colocam em xeque o conceito de gênero baseado na genitália: Travestis e Transexuais.

TRANSEXUAL é a pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento.

Identities Sexuais:

Referem-se às formas distintas de vivenciar afetos, prazeres e desejos que são, no geral, nomeadas como homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade. Em outras palavras, é o desejo afetivo-sexual que constitui a identidade sexual do sujeito e não os marcadores de masculinidade e feminilidade que são visibilizados em seu corpo. Apesar disso, nas escolas percebemos o entrelaçamento das identidades de gênero com as identidades sexuais. Qualquer desvio com relação às imposições sociais acerca dos modos de vivenciar as masculinidades e as feminilidades, gera suspeitas com relação à identidade sexual do sujeito.

Identities étnico-raciais: Envolve termos como raça e etnia, que foram se modificando a partir de conflitos e disputas entre grupos e povos. A produção dessas identidades na escola se dá a partir de diversas práticas e artefatos, como os livros didáticos e de contos, expressões usadas comumente - “a coisa está preta”, “programa de índio”, etc - nas cores de lápis-de-cor em que

A diversidade refere-se à multiplicidade de ideias, linguagens, religiões, costumes, comportamentos, valores, classes sociais, nacionalidades, culturas, crenças, raças-etnias, gêneros e sexualidades que constituem os sujeitos. Essa diversidade é expressa a partir de posições que os sujeitos ocupam nos diversos contextos socioculturais, constituindo as **identidades** - de gênero, geracionais, sexuais, de classes, étnico-raciais, religiosas, nacionais, entre outras.

IDENTIDADES são produções sociais, múltiplas, fragmentadas e cambiantes, muitas vezes contraditórias e descontínuas.

Essas identidades são produções sociais, históricas e culturais, que se dão em meio a práticas de significação – na família, na escola, na mídia, na saúde, entre outras – que ensinam tipos de comportamentos, brincadeiras, desejos, valores, pensamentos, vestuários...

Em nossos estudos e pesquisas temos lançado nosso olhar, de forma mais detalhada, para algumas dessas identidades:

Identities de Gênero:

Constituem masculinidades e feminilidades que, ao contrário do que algumas correntes teóricas postulam, não são constituídas pelas características biológicas dos corpos dos sujeitos, ou seja, não é a genitália que determina e institui os significados de masculinidade e de feminilidade em cada cultura. As identidades de gênero são

TRAVESTI é a pessoa que faz uso deliberado de roupas e acessórios culturalmente atribuídos ao outro gênero aliado à possibilidade de construção corporal.

o bege é considerado a cor da pele etc. Atualmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2013) vêm inserindo a discussão das identidades étnico-raciais que estão presentes nas escolas, e que historicamente vem sendo silenciadas no currículo escolar.

Ilustração: Diversidade Bar



Identidades Geracionais: Construções acerca das “fases” que os sujeitos vivenciam ao longo da vida e que dizem respeito as diferentes gerações – infâncias, adolescências, fase adulta, velhices – que são determinadas por diferentes momentos históricos de acordo com a idade em que se encontra cada geração. Na escola, entretanto, é possível perceber algumas práticas pedagógicas que visam instituir uma única forma de se viver a identidade geracional, como por exemplo, todas as crianças gostam de brincar ou todos os adolescentes são rebeldes, ou ainda os adultos e os sujeitos da terceira idade apresentam dificuldades de aprendizagem.

Se um menino tem o caderno caprichado, gosta de manter seu material organizado e é carinhoso com seus colegas é, muitas vezes, visto como gay.

Da mesma forma, se uma menina gosta de jogar futebol ou não gosta de participar das brincadeiras ditas femininas, ou ainda, se ela não é vaidosa e prefere roupas mais largas, muitas vezes ela é considerada lésbica.

Entrelaçamento das identidades sexuais e de gênero

Se uma mulher tem marcadores considerados femininos numa determinada cultura e assume ser lésbica, isso causa estranhamento, como foi o caso recentemente divulgado na mídia sobre a cantora Daniela Mercury, quando ela assumiu um relacionamento homossexual.

Identidades Religiosas: As múltiplas identidades religiosas se constituem a partir de diferentes contextos culturais e históricos nos quais os sujeitos estão inseridos. Nestes contextos, significados são produzidos e compartilhados, estabelecendo saberes, crenças, histórias, mitos e ritos acerca de determinada religião. A partir da religião, muitas pessoas definem seus modos de entender, de ser e estar no mundo, adotando às suas vidas práticas – participação em missas, ritos, procissões, pagamento de promessas – e marcadores identitários – burcas, crucifixos, quipá – que as posicionam em determinados grupos. O documento final da Conferência Nacional de Educação (2010) ao referir-se à educação afirma que tanto na formação inicial quanto na continuada, ao abordar a diversidade cultural-religiosa, deve-se buscar superar preconceitos e discriminações, assegurando que a escola seja um espaço pedagógico laico para todos, de forma a garantir a compreensão da formação da identidade brasileira

(CNE, 2010). O não reconhecimento de outras religiões, favorece a imersão de preconceitos. Por isso, é importante possibilitar espaços que auxiliem aos alunos perceberem como as diferenças foram sendo naturalizadas em diferentes contextos históricos, gerando preconceitos e inferiorizações de uma religião em prol de outra.

(*) Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

(**) Mestrando do PPG Educação (FURG)

Referências:

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: http://www.sinpro.org.br/arquivos/afro/diretrizes_relacoes_etnico-raciais.pdf. Acesso em: 5 de jun. de 2013.

CNE. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: CNE, 2010.

Corpos, Gêneros e Sexualidades:

Questões que integram o PPP

■ Profa. Drn. Suzana da Conceição de Barros (*)

Uma das ferramentas de planejamento escolar que merece destaque é o Projeto Político Pedagógico (PPP). Recebe tal nome, pois é um documento que projeta, estabelece um plano de trabalho para a instituição. É político no sentido que está articulado a questões sociais, culturais e políticas, bem como está vinculado a interesses coletivos. É pedagógico, porque trata sobre as questões educacionais, definindo premissas e ações para o âmbito escolar.

O Projeto Político Pedagógico apresenta os princípios, as diretrizes e propostas que regem o processo educacional de uma determinada instituição. Esse documento deve levar em conta o contexto histórico, social, econômico, político e cultural no qual será produzido, para que atenda as necessidades educacionais de uma determinada escola. Sendo assim, o PPP deve ser elaborado em todas as instituições de ensino, com a contribuição de toda a comunidade escolar (equipe pedagógica, equipe diretiva, professores/as, alunos/as, pais e responsáveis, funcionários/as), para que todos/as possam pensar sobre o papel da escola na comunidade em que está inserida e que tipo de educação é necessária nesse contexto.

O PPP deve traçar metas e objetivos, apresentar ações e delinear o perfil do egresso, ou seja, o tipo de sujeito que a escola pretende formar, contribuindo, dessa forma, para a constituição de uma sociedade que prime pela democracia, justiça e igualdade de direitos. Nesse viés, esse documento acaba por constituir uma identidade para a escola.

Ao entender o PPP como um documento que deve ser construído a partir das propostas pedagógicas, do tipo de sujeito que se quer formar e da realidade escolar, torna-se importante que as temáticas relacionadas aos corpos, gêneros e sexualidades estejam presentes, pois essas são questões sociais e fazem parte do cotidiano das escolas em diversas situações, tais como: na separação das filas entre meninas e meninos, na divisão dos banheiros, nos namoros na escola, na gravidez de uma adolescente, na homofobia, na diversidade de corpos, entre outros. No entanto, algumas pesquisas, como as de Barros (2010) e de Rizza (2011), apontam que, nas escolas, estas questões ainda são trabalhadas de forma assistemática e descontínua, sendo discutidas geralmente por poucos profissionais, como alguns/algumas professores/as de ciências e biologia ou por profissionais da saúde que são convidados/as a debater sobre a saúde sexual. Nesse viés, a sexualidade é abordada em um enfoque anatomo-

Para desenvolvermos nossas atividades diárias, como ir em um determinado local, cozinhar, limpar a casa, ministrar aula, por exemplo, é necessário pensarmos os caminhos que vamos traçar para alcançar o nosso objetivo. Na escola, isto não é diferente. Também é necessário planejar, isto é, pensarmos, organizarmos, definirmos metas, estabelecermos objetivos que queremos alcançar, para que as necessidades escolares sejam atendidas.

fisiológico, biologicista e sitiada pela doença e pela morte, não sendo tratada como questão sociocultural, que envolve as diversas formas de viver os prazeres e os desejos.

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola entende que a educação para a sexualidade deve estar presente no PPP, pois a inserção dessas temáticas nesse documento possibilita que as questões de corpos, gêneros e sexualidades tornem-se institucionais, e sejam entendidas como temáticas que devem ser discutidas de forma permanente e sistemática, sendo responsabilidade de toda a comunidade escolar, constituindo-se como um componente curricular, e não atribuição de apenas um/a ou outro/a profissional da escola.

Um trabalho contínuo e político permite que a escola faça o contraponto, reflita, discuta e desestabilize alguns modelos hegemônicos referentes às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, tais como: a masculinidade, a heterossexualidade, a criança inocente e assexuada, a família nuclear, entre tantos outros, presentes na sociedade.

Deste modo, entendemos que essas questões não devem estar às margens do currículo escolar, nem trabalhadas de maneira pontual nas escolas, mas que elas sejam entendidas como temáticas que fazem parte da sociedade e, portanto, da escola e que estejam presentes em seus Projetos Políticos Pedagógicos, para que assim elas se constituam como temáticas que integram o currículo escolar.

(*) Professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel M. Mano Rua e doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG).

Referências:

BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, gêneros e sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Rio Grande, 2010. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2010.

RIZZA, Juliana Lapa. **Sexualidade e Formação Inicial**: dos currículos escolares aos espaços educativos. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

As relações de gênero no espaço escolar

■ Profa. Dra. Fabiane Ferreira da Silva (*)

Desde o nascimento, meninas e meninos são educadas/os para conviver em sociedade, porém de maneira distinta, que se expressa, por exemplo, na escolha do nome e do enxoval, na decoração do quarto da criança, na escolha dos brinquedos e das atividades de lazer. Para a menina, roupas e decoração cor-de-rosa, bonecas, panelinhas e casinhas. Já para o menino, a cor azul, bolas e carrinhos. À medida que meninas e meninos crescem, por meio das cores, acessórios, brinquedos, brincadeiras e das relações estabelecidas nos contextos sociais, meninas e meninos aprendem modos de ser e estar no mundo, formas de falar, agir, compreender a si e aos outros de acordo com os códigos de gênero.

No contexto desta discussão, gênero – feminino ou masculino – trata-se de uma construção social, cultural, histórica e discursiva, que se dá mediante relações de poder, produzindo mulheres e homens, distinguindo-os como corpos “femininos” e corpos “masculinos”. Operar com o conceito de gênero significa operar numa abordagem construcionista, colocando-se contra a naturalização do feminino e do masculino, na direção de compreender que, ao longo da vida, através das diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como mulheres e homens.

Mas, afinal, o que a escola tem a ver com isso?

A escola não apenas “transmite” saberes e conhecimentos, mas tem sido um dos lugares centrais na produção dos sujeitos de acordo com determinados códigos, regras, convenções estabelecidos social e culturalmente. É importante compreender que a escola, assim como a família, a mídia, a Internet, a academia, o clube, a religião, entre outras instâncias sociais, são espaços constituídos e atravessados por representações de gênero, ao mesmo tempo em que produzem e/ou significam essas representações. Na escola, as atividades cotidianas, querendo ou não, constituem-se como atividades pedagógicas implicadas na produção das identidades de gênero; por exemplo, quando são estabelecidos e reforçados os comportamentos adequados para meninas e meninos, ou, ainda, quando acontece a separação por gênero nas brincadeiras, nas filas, nas tarefas e até mesmo em turmas.

Uma análise do cotidiano escolar pode revelar a existência de diferenças, binarismos e assimetrias de gênero presentes em atividades muitas vezes sutis e

refinadas que instituem para os/as estudantes o que é considerado masculino e o que é feminino. Conteúdos curriculares, regras, normas, organização do espaço físico, modos permitidos de pensar e agir constituem-se como mecanismos implicados na classificação, separação e hierarquização entre mulheres e homens. Desse modo, precisamos refletir sobre as relações de gênero na escola. Precisamos problematizar os discursos e as práticas escolares, suspeitar das “verdades” com as quais nos deparamos cotidianamente. Precisamos problematizar, por exemplo, o pressuposto de que: menino que gosta de dança ou de ginástica e não gosta de futebol tem “tendência” a ser homossexual; que as meninas não têm habilidade para jogar futebol ou não podem participar de práticas como a luta; uma menina que usa boné, roupa larga e tatuagem tem a aparência masculinizada, deve ser homossexual; um menino que é sensível e educado é *gay*; entre outros. É importante destacar que aquilo que se entende como sendo masculino ou feminino é uma construção social, cultural e histórica, portanto, não é natural, universal, nem mesmo imutável.

Nessa direção, é importante compreender que existem diferentes formas de viver a masculinidade e a feminilidade; portanto, não existe “a mulher” e “o homem” no singular, mas várias e diferentes mulheres e homens que aprenderam a ser de determinado jeito, a apresentar e a valorizar determinadas características no interior de um grupo social. Meninas e meninos, mulheres e homens são de muitos jeitos, de muitas formas, etnias, classes, orientações sexuais, religiões, identidades; mulheres e homens são de diferentes culturas e tempos, mesmo que vivendo na mesma época; elas e eles assumem diferentes posições de sujeito nos contextos em que transitam e se relacionam.

As diferentes formas de ser e agir como mulheres e homens precisam ser respeitadas no espaço da escola. Precisamos de uma escola que não reproduza preconceitos, que não estimule e não permita a discriminação. Se quisermos contribuir para a construção de uma sociedade justa, com equidade de gênero, devemos prestar atenção nas formas como meninas e meninos são educadas/os no contexto da escola.

(*) Professora da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguiana e doutora em Educação em Ciências

Uso do *nome social* para transexuais e travestis: um direito assegurado

■ Drn. Deise Azevedo Longaray(*)

Em algum momento, você já deve ter ouvido, ou até mesmo mencionado, a clássica frase de que: Sexualidade é assunto para se discutir em casa! Também já deve ter se perguntado de que forma e com que respaldo discutir sobre sexualidade na escola. Na verdade, a escola tem um amparo legal para a discussão da sexualidade no currículo e, mais do que isso, ela é um espaço privilegiado para a problematização das questões tais como identidades de gênero, identidades sexuais, da homofobia, entre outros assuntos que envolvem a educação para a sexualidade. E que respaldo a escola tem para fazer essa discussão no contexto da sala de aula?

Iniciamos a discussão a partir da Lei 12.796/2013, que altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Tal lei discute, no seu artigo 26, sobre a parte diversificada, que compreende uma parte do currículo escolar a ser complementada à base nacional comum em que o/a professor/a tem autonomia para desenvolver atividades e discussões que levem em conta as especificidades de cada região, bem como o contexto vivenciado pelos/as alunos/as. Assim, cabe ao/a professor/a levar em conta também os interesses do/a aluno/a em discutir determinadas questões. Entre essas pode-se discutir as questões de corpos, gêneros e sexualidades. Essa discussão é reafirmada pela Resolução da Câmara de Educação Básica (CEB)/CNE nº 2, de 7 de abril de 1998, a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para Ensino Fundamental.

A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e: a) a vida cidadã

através da articulação entre vários dos seus aspectos como: a) saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura, as linguagens; b) as áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Língua Materna (para populações indígenas e migrantes), Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física, Educação Religiosa.

Em 1998, emergem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que, a partir do Eixo Transversal Orientação Sexual, possibilitaram que muitos/as profissionais da educação problematizassem a sexualidade na escola. É a partir desse documento, então, que emerge oficialmente, no âmbito escolar, a Orientação Sexual a ser discutida de forma transversal no currículo e não como uma disciplina específica a cargo de um/a único/a professor/a, ou seja, a proposta é que tal discussão seja de responsabilidade de todos/as os/as professores/as e em todas as disciplinas. Segundo esse documento, a Orientação Sexual deveria proporcionar informações sobre a anatomia do corpo e sobre as formas de prevenção e transmissão do HIV e Aids.

Outro documento oficial que reafirma e possibilita essa discussão no currículo escolar é a Resolução nº 2, de 30 de janeiro 2012, a qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

O projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: XV - valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas.

Essa resolução oficializa a discussão sobre as identidades de gênero nas unidades escolares. Assim, podemos nos respaldar com relação à discussão do nome social no espaço da escola. O nome social é o nome pelo qual travestis e transexuais reconhecem-se e identificam-se. Embora seja uma discussão ainda considerada delicada por muitos/as, o nome social é uma forma de reconhecimento e respeito aos/as travestis e transexuais. Por isso, a importância de repensar essa questão no espaço da escola, já que muitos/as travestis e transexuais evadem-se da sala de aula por vivenciarem inúmeras situações de preconceito, entre as quais as de não serem

reconhecidos/as pelo seu nome social na chamada, por exemplo. Diversas universidades já adotaram o nome social nos registros acadêmicos. Agora o movimento é fazer essa discussão também nas escolas.

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE – vem trabalhando para contribuir na minimização do preconceito homofóbico nas escolas e na própria Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A pedido de uma aluna transexual da universidade, o grupo buscou implementar medidas junto às instâncias administrativas para garantir o nome social nos registros acadêmicos. Assim, a FURG, a partir da Instrução Normativa N° 04/2013, oficializa o uso do nome social no âmbito do segmento discente, inclusive nos diplomas. Além disso, também reconhece o nome social a travestis e transexuais para servidores/as ativos/as, aposentados/as e às pessoas contratadas através da Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEP) por intermédio da Instrução Normativa N° 03/2012.

O GESE tem promovido cursos de formação de professores/as para articular essa discussão da adoção do nome social nas escolas no município. Nesse sentido, apresentamos às escolas documentos que aconselham e promovem esse debate. É o caso do Parecer n° 739/2009 - Processo CEED n° 232/27.00/09.0, do Conselho Estadual de Educação, que diz:

O Conselho Estadual de Educação, embora carecendo de competência normativa para a matéria, aconselha o Sistema Estadual de Ensino a adotar as medidas solicitadas nas rotinas não oficiais da instituição de ensino como, por exemplo, identificar o estudante diante dos demais alunos pelo nome social que tiver adotado. A medida ora aconselhada certamente facilitará a inclusão dos estudantes pertencentes aos grupos em tela no ambiente escolar, contribuirá para a progressiva superação de sentimentos sociais homofóbicos, auxiliará a compreensão do conceito de diversidade e estimulará o exercício da tolerância e o desejado respeito aos diferentes.

Esse documento, embora afirme que não há uma normativa que exija o uso do nome social, destaca ser um fato importante para a superação da homofobia nas escolas.

Além desse parecer, também há o Decreto n°49.122, de 17 de maio de 2012 (publicado no DOE n° 096, de 18 de maio de 2012), o qual institui a Carteira do Nome Social para Travestis e Transexuais. Esse documento é válido somente no estado do Rio Grande do Sul e é emitido pelo Instituto Geral de Perícias. Para a confecção da carteira, travestis e transexuais devem ter dezesseis anos ou mais; menores de dezoito devem estar acompanhados/as por responsáveis. A documentação necessária é a identidade ou certidão de nascimento, conforme estado civil atual. Com tal carteira, travestis e transexuais têm o direito de serem reconhecidos/as e identificados/as pelo seu nome social, o que para muitos/as, é uma forma de reduzir o preconceito em diversos contextos.

Em seus cursos de formação, o GESE discute algumas diretrizes para a implementação do nome social na educação. Sugerimos que as escolas promovam uma reunião com responsáveis, quando a exigência do nome social é realizada por menores de idade, propondo a assinatura de um termo ou ata na escola, autorizando a utilização do nome social do/a aluno/a. Propõe-se que o nome social seja escrito entre parênteses na lista de chamada e seja adotado por todo o corpo docente. Também enfatizamos a relevância da realização de uma reunião com todos/as professores/as, para que seja justificada a adoção do nome social na escola.

No texto, buscou-se apresentar documentos e argumentos que respaldam a discussão da educação para a sexualidade na escola e sugerir propostas de discussão das identidades de gênero e da adoção do nome social, os quais o GESE considera importante para que se promova uma cultura de respeito às identidades de gênero e a minimização da homofobia no contexto escolar.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO GERAL DE PERÍCIAS
DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

Carteira de Nome Social

Preenome: _____
Vinculado ao RG: _____
Data de Nascimento: ____/____/____
Data de Expedição: ____/____/____
Local: _____

Válida para tratamento nominal nos Órgãos do Poder Executivo do RS.
0123456 Decreto n° XXXXXXX

Decreto n° 48.118 de 27 de junho de 2011.

Art. 1º Nos procedimentos e atos dos Órgãos da Administração Pública Estadual Direta e Indireta de atendimento a travestis e transexuais deverá ser assegurado o direito à escolha de seu nome social, independentemente de registro civil, nos termos deste Decreto.

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, nome social é aquele pelo qual travestis e transexuais se identificam e são identificados pela sociedade.

Art. 2º O nome civil deve ser exigido apenas para uso interno da instituição, acompanhado do nome social do usuário, o qual será exteriorizado nos atos e expedientes administrativos.

Art. 3º Nos casos em que o interesse público exigir, inclusive para salvaguardar direitos de terceiros, será considerado o nome civil da pessoa travesti ou transexual.

ASSINATURA DO DIRETOR

Modelo da carteira de nome social frente e verso

Fonte: <<http://s.conjur.com.br/dl/decreto-governo-rs-institui-carteira.pdf>>.

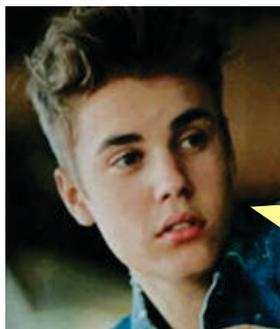
(*) Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

Justin Bieber, Anitta e Marina Ruy Barbosa são figurinhas corriqueiras na mídia e principalmente nas capas das revistas teens. O primeiro é um cantor pop, mundialmente conhecido por ter hipnotizado milhares de fãs nos embalos de Baby, baby, baby. Oooh!" A segunda, também cantora, estourou com o funk "Show das Poderosas". E Marina é atriz, conhecida por seus longos cabelos ruivos e seu comportamento discreto e recatado, inclusive - ou ainda mais - quando o assunto é o seu namoro com o também ator Klebber Toledo.

Entre Biebers, Anittas e Marinas... estaria também, a sexualidade no apogeu da fama?

■ Drn. Benícia Oliveira da Silva(*)

Seus trabalhos como cantora/a e atriz foi o que o/as colocaram na mídia; no entanto, não apenas suas músicas ou atuações estão no foco dos *paparazzi*; suas sexualidades - seus corpos, seus namoros, seus desejos, suas intimidades - muitas vezes geram mais ibope que suas profissões.



Para Rosa Fischer (2001, p. 588), "a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças". Deste modo, ao questionar, analisar e publicar as sexualidades destas e de outras celebridades que são referências de beleza e comportamento para milhares de adolescentes, a mídia produz e divulga significados acerca das sexualidades adolescentes, instituindo "verdades" sobre os modos como os jovens devem viver as suas.

E hoje, quais são as "verdades" acerca das sexualidades adolescentes? Muitas respostas podem ser levantadas - "Meninas ficam com meninas para excitar os meninos", "Agora é moda ser gay", "Antigamente as meninas não eram tão vulgares" - mas, talvez, a afirmativa que tem sido ecoada com mais frequência nas escolas, nas mídias, nas famílias e em diversas instâncias, é que a adolescência está hipersexualizada.



(Perder a virgindade) Tem que ser com a pessoa certa, com alguém em que você confie e que seja legal com você. Cada um sabe sua hora. É uma coisa que não banalizo. Acho feio banalizar, acho que perde a graça [...] Por ser mais velho, o Klebber não tem tanta pressa de tudo, já viveu, já fez, já conheceu. Nunca dormi fora e o Klebber nunca dormiu na minha casa.

Para fazermos esta discussão, é interessante pensarmos que o prefixo **hiper** infere o sentido de **excesso**. E então, o que seria um excesso de sexualidade? Falar demais sobre sexo? Exposição dos corpos em excesso? Meninos e meninas namorando demais? Adolescentes trocando de

Eu não acho que você deve ter relações sexuais com alguém a não ser que você o ame. Eu acho que você deve apenas esperar a pessoa certa e que você esteja amando.

parceiros como trocam de roupas? Meninos beijando meninos e meninas beijando meninas no pátio da escola? Muitos

meninos gays e muitas meninas lésbicas?

O fato é que, desde o fim do século XVII, segundo o filósofo Michel Foucault, o sexo foi colocado em discurso, havendo uma explosão discursiva "em torno e a propósito do sexo" (2007, p. 23) . Segundo o autor, "o sexo sempre foi



Às vezes convido um peguete para assistir ao meu show. Ai chego em casa morrendo de cansaço e faço pose de boneca inflável, fico toda parada. Mas, depois, dou aquela acordada e vai.

o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir da nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano" (Ibid., p. 229). Dessa forma, a partir de discursos de "verdade" sobre os sexos dos sujeitos, a sexualidade tem sido regulada e normalizada.

Desde o século XIX, no ocidente, instituiu-se uma ciência sexual - *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2007) - a partir da qual buscou-se, e ainda se busca, a produção de saberes que instituas as "verdadeiras" formas de se viver as sexualidades, visando controlar o corpo e o sexo dos homens e das mulheres.

A ciência sexual tem o sexo como o objeto de conhecimento e, é em torno dele que diferentes áreas - Medicina, Psicologia, Psiquiatria, Filosofia, Sociologia - produzem saberes e discursos que, devido a suas

cientificidades, são considerados legítimos e instituem o que é ou não "normal".

Embora muitos anos tenham se passado após a emergência da *scientia sexualis*, ainda hoje os saberes ditos científicos norteiam os parâmetros da "normalidade" e, tendo em vista a realidade em que vivemos - luta pela criminalização da homofobia, cotas para negros e índios, lei Maria da Penha - os padrões instituídos pela norma são os da heterossexualidade, da raça branca, do binarismo homem *versus* mulher. Assim, ao menor sinal de que a norma seja colocada sob suspeita, os impasses passam a ser fundados. Neste texto, estamos pensando sobre o fenômeno da hipersexualidade, que hoje tem sido considerado um impasse, pois acredita-se que a tempos atrás não se falava em sexo ou sexualidade, ou talvez, sim, mas nem tanto como falamos atualmente. Este tipo de colocação é comum, quando nos pegamos em momentos saudosistas como "hoje as crianças não têm infância", "na minha época isso não existia", "no meu tempo isso era uma pouca vergonha". Concordo que o passado pode nos trazer boas lembranças, no entanto não estamos analisando nossas próprias vidas. Estamos analisando uma sociedade, constituída por questões históricas e culturais. Deste modo, as crianças de hoje têm infância, sim, mas é diferente da que nós tivemos vinte, trinta, quarenta anos atrás.

Assim como as infâncias, pensemos também as adolescências. Os/As adolescentes de hoje são diferentes dos/as de ontem, pois vivem em outro tempo, com outros recursos, são interpelados por outros discursos. Pensemos também nos/as adolescentes de outras sociedades, de outros países. Eles/as também são adolescentes atuais, no entanto vivem suas adolescências em outros contextos, portanto, as vivem de formas diferentes dos/as adolescentes que conhecemos.

Arelado às questões do "excesso", está o acontecimento dito como o "aflorar" da sexualidade adolescente. Este entendimento é sustentado por concepções que se respaldam numa compreensão de que a adolescência e a sexualidade são parte "da natureza humana" e uma "etapa natural" inerente ao desenvolvimento de qualquer sujeito. Pressupor que a sexualidade é algo que simplesmente vem à tona, porque na adolescência os hormônios estão "à flor da pele", restringe-a como algo unicamente biológico, ignorando as histórias e as vivências que interpelaram os sujeitos e que de diferentes formas constituem suas adolescências.

Entender as adolescências e as sexualidades como questões históricas, possibilita-nos colocarmos o prefixo **hiper** sob suspeita. Pois, o que hoje colocamos como um exagero, talvez até o seja se apenas buscarmos comparações de um tempo no qual já não vivemos mais. Porém, o tempo presente não pode ser pensado pontualmente, mas como parte de um processo e, sob este viés, a hipótese do exagero será refugada e veremos que não foi da noite para o dia que o tema e as questões acerca da sexualidade adolescente emergiram.

A análise histórica da temática sexualidade possibilita-nos compreender o porquê, ainda hoje, este tema está fortemente atrelada ao ato sexual. Devido às questões que deram margem à imersão do tema sexualidade estarem ligadas às relações sexuais e os saberes produzidos acerca do tema serem respaldados por discursos científicos e biologicistas, frequentemente o conceito de sexualidade é diretamente associado ao ato e à prática sexual. Não que a sexualidade não envolva estas questões, porém, o cuidado deve ser tomado para que a sexualidade não seja restritamente compreendida em termos de genitálias, hormônios e reprodução. Quando falamos

A pesquisadora Raquel Quadrado, entende a adolescência como uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – Biologia, Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades.

sobre sexualidade, estamos falando de corpos, relações afetivas, relações sexuais, sensações, desejos, anseios, curiosidades, dúvidas... .

A partir dos entrelaçamentos aqui abordados, penso que não é mais possível colocarmos o entendimento de hipersexualidade como sinônimo de "uso exagerado do sexo" ou como "falar excessivamente em sexualidade", mas sim como uma (hiper)emergência de colocarmos o tema sexualidade na pauta do dia, pressupondo que a visão que temos de uma suposta hipersexualização adolescente seja apenas a leitura que fazemos para o modo como os jovens expressam suas vontades de ser e estar no mundo, além de suas necessidades de falarem sobre dúvidas, anseios, medos e desejos.

Assim como as famas de Justin Bieber, Marina Ruy Barbosa e Anitta, percebemos que a "fama" acerca do suposto

excesso da sexualidade adolescente não passa de uma construção histórica. Não sabemos o quanto esse "excesso" irá durar, nem quais serão as (hiper)problemáticas de amanhã; no entanto, precisamos compreender que tudo é provisório e que qualquer análise deve levar em consideração as questões históricas e culturais do contexto que se observa.

(*) Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

Referências

BIEBER, Mundo. **Notícia:** Justin Bieber fala sobre namoro, relações sexuais e muito mais para a revista Rolling Stone. Disponível em: <http://mundobieber.wordpress.com/2012/07/19/noticia-justin-bieber-fala-sobre-namoro-relacoes-sexuais-e-muito-mais-para-a-revista-rolling-stone/>. Acesso em: 15 de julho de 2013.

BLOG, Na ponta da língua. Marina Ruy Barbosa fala sobre virgindade e afirma que namorado não tem tanta pressa. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/napontadalingua/2013/06/05/marina-ruy-barbosa-fala-sobre-virgindade-e-afirma-que-namorado-nao-tem-tanta-pressa/>. Acesso em: 17 de julho de 2013.

EXTRA. **Anitta diz que não abre mão de preliminares na hora do sexo e fala sobre ficar com mulheres:** "Nunca digo nunca". Disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/anitta-diz-que-nao-abre-mao-de-preliminares-na-hora-do-sexo-fala-sobre-ficar-com-mulheres-nunca-digo-nunca-8971760.html>. Acesso em: 17 de julho de 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso:** mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. **Mídia e educação da mulher:** uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, UFSC, v. 9, nº 2, 2001, p. 586-599.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 176 p.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes:** Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

Gese ganha reconhecimento nacional

■ Por Yéssica Lopes
Jornalista

A publicação
“Sexualidade:
papo de
criança na
escola? Sim!!!”
foi uma das
vencedoras no
Prêmio
Educando
para o
Respeito à
Diversidade
Sexual 2013

Através de diálogos francos e plurais, o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da Universidade Federal do Rio Grande (Gese/Furg) desenvolve inúmeros projetos estabelecidos dentro e fora do ambiente escolar. A missão de explicitar a diversidade em inúmeros espaços, superando distintos preconceitos e violências, já suscitou discussões que resultaram em reconhecimento. Nesse cenário, diversos trabalhos foram produzidos com o intuito de problematizar formas de pensar e agir dentro de cada ser humano. Uma das propostas, a publicação *Sexualidade: papo de criança na escola? Sim!!!*, foi vencedora no Prêmio Educando para o Respeito à Diversidade Sexual 2013.

A cerimônia de premiação foi realizada no dia 5 de julho, em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Apesar de ser considerado uma produção coletiva, o livro foi organizado pela coordenadora do Gese, Paula Regina Costa Ribeiro, e pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental Juliana Lapa Rizza. Permeada por múltiplos olhares, a história foi produzida dentro do Projeto Formação de Profissionais da Educação para a Promoção da Cultura de Reconhecimento da Diversidade Sexual e da Igualdade de Gênero, estabelecendo articulações com algumas diretrizes previstas no Programa Brasil sem Homofobia e no Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres. Parceria do Gese com o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão (Secadi), a obra contém ilustrações de Alisson Affonso e a diagramação de Maria Teresa Orlandin Nunes.

Tal publicação foi escrita para crianças dos



anos iniciais do Ensino Fundamental com o propósito de problematizar a educação para a sexualidade como um componente curricular da escola. Os diálogos estabelecidos ao longo das páginas são repletos de sonhos, curiosidades, desejos, medos, ideias e afetos. Os personagens, por sua vez, não são aqueles estereotipados por muitos livros didáticos. Exemplos claros podem ser notados no professor Luciano - prova de que nem sempre o educador dos pequenos é do sexo feminino.

Até que a última edição fosse concluída, um longo trajeto foi percorrido. Primeiramente, os temas foram trabalhados com algumas crianças e pré-testes foram realizados. No segundo momento, o próprio MEC encaminhou sugestões antes que o livro pudesse ser distribuído em diversas escolas do país. “Vivemos situações sem estereótipos, como cadeirantes com filhos, avós criando os netos, famílias com duas mães ou dois pais, mas não encontramos essas situações nos livros didáticos. Nossas pesquisas não tem final e, embora existam



sugestões de abordagem para educadores e educadoras, cada um trabalhará conforme sua realidade”, explica a coordenadora do projeto.

Sexualidade sim!

A turma formada por Rafaela, Yasmim, Gabriel e Bruno também não é aquela considerada convencional. A primeira menina é ruiva, com sardas peculiares. A segunda é negra e usa óculos. O terceiro integrante do grupo é deficiente físico e o último possui cabelo comprido. Dentre as conversas, são levantadas questões sobre, por exemplo, outras configurações familiares que não aquelas hegemônicas como a família nuclear, patriarcal, branca, de classe média e ocidental. Representações de gênero também são questionadas ao longo das páginas.

Para o grupo, o reconhecimento serviu de respaldo de uma caminhada de 11 anos, na busca constante de contribuir para a formação inicial e continuada de profissionais da educação. “Tal reconhecimento nos dá indícios de que estamos no caminho certo e de que é preciso continuarmos a investir na produção de materiais didático-pedagógicos para a abordagem dessas questões, a fim de que esses profissionais desenvolvam atividades de educação para a sexualidade nas suas escolas”, diz Raquel Quadrado, integrante do Gese.

Além da premiação, alguns livros idealizados pela equipe – que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar – já foram solicitados por países do Cone Sul e outros como Portugal. A ideia é que cada escola do Brasil ganhe cerca de 40 livros para serem discutidos em sala de aula. Para que isso ocorra da melhor forma, mais de 500 pessoas já foram capacitadas pelo Gese para trabalhar questões voltadas à educação para a sexualidade. A capacitação desses profissionais se dá na modalidade de formação continuada.

Sobre o prêmio

O Prêmio Educando para o Respeito à Diversidade Sexual foi idealizado pela Global Alliance for LGBT Education (Gale), uma comunidade internacional de aprendizagem para educadores que visa promover a inclusão plena de pessoas que são prejudicadas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, identificando, aprimorando e compartilhando conhecimentos especializados na área da educação.

Organizado pelo Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX) em parceria com o Centro Paranaense da Cidadania, o Grupo Dignidade, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), ele tem a finalidade de reconhecer, valorizar e incentivar a promoção do respeito à diversidade sexual no ambiente educacional no Brasil.

A premiação conta com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids; da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; do Ministério da Saúde; do Ministério da Educação; do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Federal de Serviço Social.

Livro

“Sexualidade: papo de criança na escola? sim!!!”: possibilidades de diálogo com alunos/as dos anos iniciais

■ Profa. Msc. Lucilaine dos Santos Oliveira (*)

Falar sobre sexualidade com crianças ainda é um desafio para muitos pais e professores/as. Conheça como um grupo de professoras da rede pública de Educação Básica, do estado do Rio Grande do Sul, inseriu, no currículo de suas escolas, discussões sobre essa temática tão importante para a formação dos sujeitos. Essa inserção deu-se a partir do convite do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, para a realização do pré-teste do Livro “Sexualidade: papo de criança na escola? Sim!!!”, com alunos/as dos Anos Iniciais. Das professoras selecionadas, duas eram professoras do 1º ano, uma era professora do 3º ano e outra, professora do 5º ano do Ensino Fundamental.

A partir da leitura dos diários produzidos pelas professoras nessa interlocução, compartilho com você, leitor/a, algumas experiências vivenciadas em suas salas de aulas, a partir do trabalho com o livro, as quais suscitaram diálogos e (re)construção de aprendizagens sobre a temática sexualidade.

Com o propósito de tornar a leitura mais dinâmica, o texto foi organizado em blocos. No primeiro bloco, apresento as atividades e discussões realizadas com as turmas a partir do livro. No segundo, destaco as limitações e/ou resistências percebidas durante a realização do trabalho e, no terceiro, resalto algumas considerações a respeito da importância do livro para a problematização de temas que envolvem a Educação para a Sexualidade na infância.

Atividades e discussões...

Nas diferentes turmas que participaram do pré-teste, o trabalho começou com a exploração do livro por parte de cada aluno/a, através do estímulo das professoras para que olhassem cada detalhe que o constitui: capa, personagens, cores, título, autores/as, editora, dentre outros aspectos. A partir dessa estratégia, as professoras buscaram instigar as/os alunas/os a conhecerem a história que seria contada, bem como dar início às discussões acerca das questões de corpos,

gêneros e sexualidades. Após esse primeiro momento, os/as alunos/as foram convidados/as a participar de uma roda de conversa, seguida da leitura e discussão de temas que surgiram a partir da história, como a diversidade dos corpos e a importância do respeito às diferenças, a presença de professores homens nos Anos Iniciais, as questões de gênero a partir de cores, brinquedos e brincadeiras atribuídos aos meninos e às meninas, a importância do diálogo entre professores/as, pais ou cuidadores/as com as crianças sobre as questões que envolvem o corpo e a sexualidade, dentre outras temáticas.

A existência de diferentes tipos de famílias em nossa sociedade foi um dos aspectos mais significativos destacados pelas crianças, na história. Para discutir acerca desse tema as professoras propuseram que as crianças desenhassem as suas famílias e contassem para as/os colegas um pouco da sua história de vida. Na sequência, foi solicitado que trouxessem para a sala de aula fotos, para que fosse construído um painel. A atividade possibilitou às crianças o reconhecimento de que não existe um único tipo de família, mas múltiplas possibilidades e que todas devem ser respeitadas.

Outra temática que emergiu a partir da leitura do livro foi a diversidade e, para problematizá-la, foi realizada uma atividade com recortes de revistas. A proposta foi a de que

as/os alunas/os construíssem corpos femininos e masculinos, a fim de discutir que existem diferentes formas de ser homem, mulher, menina ou menino. Além dessa atividade, os brinquedos ditos de meninas e meninos, assim como as brincadeiras realizadas na escola foram utilizados como recursos para que as professoras discutissem sobre as questões de gênero.

Várias atividades foram desenvolvidas com o intuito de discutir sobre os corpos não apenas sob o ponto de vista biológico, mas também sócio-histórico e cultural, tais como: pesquisas em diferentes materiais, oficinas de experimentação sobre o corpo humano integrado, produção de textos e relatórios; construção e interpretação de gráficos e histórias matemáticas, envolvendo medidas (peso, altura) e, a partir destas, o uso de símbolos matemáticos, ordem crescente e decrescente, dentre outros conceitos.

Com o propósito de conhecer os entendimentos construídos pelas/os alunas/os sobre a temática sexualidade, bem como sobre a importância de sua abordagem no espaço da família e da escola, foram desenvolvidas atividades, tais como: a leitura do livro com a família e entrevista sobre questões que se relacionam ao tema sexualidade (a história do nome, do nascimento, tipo de parto, cores do enxoval, bem como se essa temática deve ser abordada na infância); organização de um encontro na escola com pais, mães, familiares ou cuidadoras/es das/os alunas/os com o objetivo de compartilhar histórias e experiências sobre o tema sexualidade, inclusive as questões presentes na entrevista realizada pela turma; exposição de fotos e roupas usadas pelas/os alunas/os quando bebês e discussão sobre as questões de gênero a partir das cores do enxoval; pesquisa sobre a origem dos sobrenomes das/os alunas/os; construção da árvore genealógica, dentre outras atividades.

Temas como contracepção, amamentação, tipos de parto, amor e religião, foram privilegiados durante realização do encontro com os familiares, o que possibilitou discutir entendimentos de sexualidade e da proposta do trabalho de Educação para a Sexualidade na escola.

Eu achei o livro muito legal, porque a minha mãe, desde que eu era pequena, vem falando que assunto sobre sexualidade não é bom pra eu aprender; mas agora eu vi que sexualidade não é só saber sobre sexo; é também sobre o nosso corpo, sobre os nossos sentimentos. Eu acho que, se outras crianças lessem o livro, elas iriam amar igual eu amei, porque pode ter algumas crianças que os pais não gostam que falem sobre esse assunto, porque acham que a/o filha/o é muito pequena/o para falar sobre isso e aí o filho ou a filha fica com essa dúvida na cabeça, que nem eu. A minha mãe não gostava de falar sobre esse assunto, mas quando eu falei sobre o que eu aprendi, ela achou muito legal. (narrativa de um aluno)

Limites e possibilidades...

Alguns/algumas estudantes, principalmente meninos, demonstraram certa resistência ao entendimento de que as pessoas têm o direito de amar de diferentes formas e de compreender que o ato sexual não deve ser relacionado a um ato violento e desrespeitoso, que causa dor e medo na mulher. Portanto, o livro contribuiu para o debate acerca da importância do respeito e do combate ao preconceito e à violência em nossa sociedade. Conforme as professoras, a leitura do livro e as discussões proporcionadas permitiram perceber o quanto é importante discutir o tema sexualidade na escola pelo fato das/os alunas/os terem acesso a muitas informações e conhecimentos, que necessitam ser problematizados.

Considerações

A utilização do livro “Sexualidade: papo de criança na escola? Sim!!!”, em sala de aula, bem como em tarefas extraclasse, contribuiu em grande escala para a discussão de temas que envolvem as questões de corpos, gêneros e sexualidades. Para as professoras, o livro é um material riquíssimo, pois possibilita a discussão de temas importantes para a formação integral das/os alunas/os, ao abrir espaços para o diálogo, não apenas entre professoras/es e alunas/os, como também entre estas/es e seus familiares, atuando como um instrumento facilitador da conversa com as crianças sobre o tema sexualidade.

Hoje compreendi que não existe tempo certo para conversar com os nossos filhos sobre o assunto. Se a criança pergunta, é sinal que é importante para ela saber; e é melhor aprender em casa e com as professoras do que aprender coisas erradas com pessoas estranhas. (narrativa de uma mãe)

A história apresentada no livro funciona como um recurso desencadeador de problematizações sobre a temática sexualidade, possibilitando que as discussões atendam aos interesses e questionamentos das crianças e que possa ser utilizado na sala de aula, de forma articulada com outros projetos que vêm sendo desenvolvidos na escola, levando em conta as diferentes áreas de conhecimento que compõem o currículo, trabalhando assim de forma integrada, evitando que a discussão sobre a sexualidade aconteça de maneira pontual ou isolada.

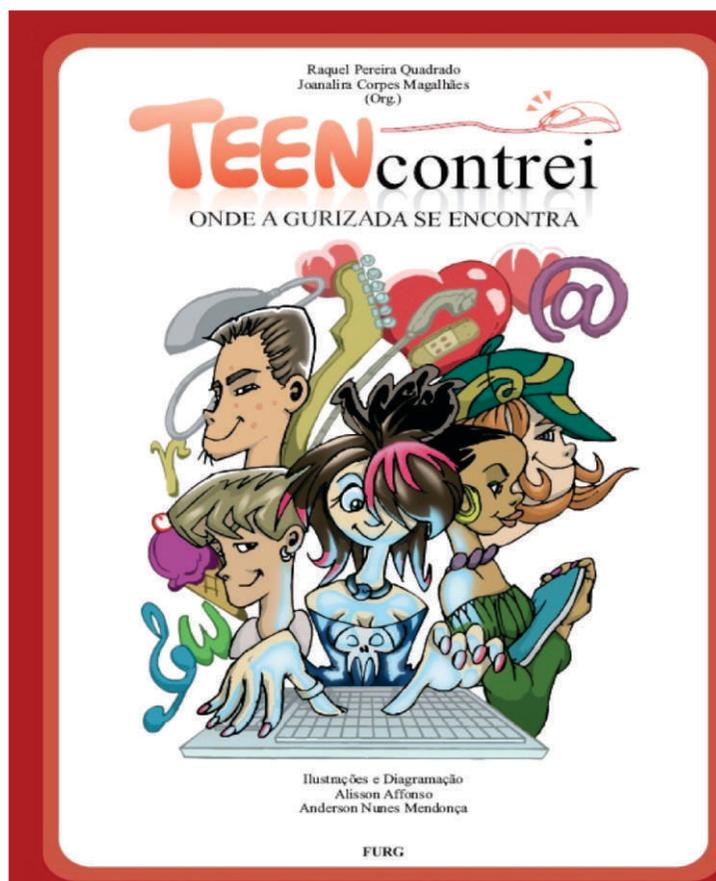
(*) Professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Carlos Peixoto Primo, do Núcleo Estadual de Educação de Jovens Adultos e Mestre em Educação Ambiental.

“TEENcontrei: onde a gurizada se encontra”

– relato de uma
experiência possível
no espaço escolar

■ Profa. Drn. Fabiane Lopes Teixeira (*)

Discutir algumas questões importantes no estudo sobre as sexualidades, tais como: identidades de gênero, diversidade sexual, corpos, configurações familiares, sentimentos, prazeres, dentre outras, nem sempre é uma tarefa fácil. Dúvidas de como desencadear o assunto e de que estratégias utilizar permeiam o trabalho dos/as professores/as.



Pensando nisso, o GESE (Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola) tem produzido vários materiais didático-pedagógicos com o objetivo de suscitar a discussão das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades nas escolas e, dentre essas produções, destaco o livro “TEENcontrei: onde a gurizada se encontra”, que aborda alguns significados de ser adolescente no mundo contemporâneo. Assim, o livro foi produzido com a pretensão de oportunizar algumas ferramentas e possibilidades de abordagem que contribuam para pensar sobre as múltiplas formas de adolescência.

Esse livro foi escrito para os/as alunos/as que estão cursando a Educação Básica e, no primeiro trimestre de 2011, foram entregues 250 exemplares do mesmo para um pré-teste a cinco profissionais da educação da rede básica e a um profissional da educação superior, a serem utilizados em suas salas de aula. Como professora da rede básica, fui convidada a realizar o pré-teste, cuja experiência relato a seguir.

A história

O livro conta cenas de cinco adolescentes que se conheceram num site de relacionamentos chamado “TEENcontrei”. As cenas buscam retratar algumas situações comuns do cotidiano dos/as adolescentes a partir de temáticas que são abordadas ao longo dos seguintes

capítulos: Família, Baladas, Rolos e Paqueras, Corpos, Segredos e Enfim, te encontrei!.

Na história, o “TEENcontrei” é um site de relacionamentos produzido e administrado por um grupo de adolescentes. Esse espaço promove o encontro da gurizada e é diariamente acessado por milhares de adolescentes de todo o país, mas os/as administradores/as do site mantêm um rigoroso controle para que adultos não possam acessá-lo, já que a idade máxima permitida é de 20 anos.

A trama gira em torno de cinco personagens que não se conheciam pessoalmente, eram apenas amigos virtuais, mas compartilhavam de vários conflitos: a Gabi, uma garota de 16 anos que morava com a mãe e com um irmão mais novo, sentia-se em crise familiar; a Jéssica, uma menina de 14 anos, morava com os pais e com uma irmã mais velha e gostaria de ser como a irmã; o Gustavo, um garoto de 17 anos que foi abandonado pela mãe, vivia com o pai e amava rock, mas não estava contente com o seu tipo físico e mantinha uma foto falsa no site; o Serginho, um menino de 15 anos que morava com os pais e sentia-se em conflito com o seu corpo e seus sentimentos; e o Guilherme, um garoto de 17 anos que vivia com os avós, era “craque” no futebol e adorava pagode.

Depois de vários papos sobre família, baladas, rolos e paqueras, algumas dúvidas e anseios, os/as amigos/as foram se aproximando e acabaram descobrindo que moravam próximos. Após um tempo de convivência virtual, a

personagem Gabi promoveu um encontro real com todos/as.

A experiência

Como professora da rede básica e integrante do GESE, desde 2005, eu já trabalhava na escola com as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, com turmas de 5ª a 8ª séries. O pré-teste do livro foi realizado numa turma de 8ª série, a 82, formada por 11 alunos e 18 alunas, em 7 encontros semanais.

No 1º encontro, os/as alunos/as receberam o livro, com bastante entusiasmo. Foram apresentados à turma, o livro e seus personagens, bem como os objetivos do pré-teste. Os/As alunos/as demonstraram gostar do visual dos personagens e foram dando palpites sobre as suas histórias. A partir daí, foram discutidos os tipos de relacionamentos que se dão nos sites de redes sociais. Os/As estudantes levaram o livro para casa a fim de realizar a leitura dos capítulos.

No 2º encontro, foi abordado o capítulo “Família” e discutido sobre os tipos de famílias que aparecem na história, como também, os tipos de famílias a que pertenciam. Foi solicitado à turma que, em grupos, a partir de recortes de revistas, produzissem um painel com diferentes tipos de família para, depois, ser apresentado ao grande grupo. No encontro posterior, os painéis foram apresentados e, assim, puderam ser problematizadas algumas configurações familiares.

No 4º encontro, para conhecer um pouco mais cada aluno/a e antecipar a atividade que aconteceria na próxima semana, foi distribuído à turma uma ficha-questionário para que eles/elas preenchessem, onde puderam ser conhecidas algumas preferências e gostos de cada um/a. No encontro posterior, foram abordados os capítulos “Baladas” e “Rolos e paqueras”, através de uma espécie de “Jogo da Verdade” (alunos/as distribuídos/as em círculo; foi colocada uma garrafa no centro e, ao ser girada, quem estava posicionado/a em frente ao fundo da garrafa fazia uma pergunta, de cunho pessoal, a quem estava posicionado/a em frente à tampa da mesma). Os/As alunos/as participaram ativamente da atividade e os assuntos mais recorrentes nas perguntas foram: traição, “pegação” nas baladas, sexo, primeiro beijo, entre outros.

No 6º encontro, foram trabalhados os capítulos “Corpos” e “Segredos”. A discussão foi feita em torno do ideal de corpo perfeito e dos marcadores corporais, tais como *piercings* e tatuagens, que são impostos pela moda e pela mídia. Muitos/as dos/as alunos/as demonstraram sentir-se insatisfeitos/as com o próprio corpo e por ainda não terem autorização dos pais para marcarem seus corpos. Com relação aos segredos, houve unanimidade em afirmar que os mesmos só devem ser revelados aos/às melhores amigos/as. Embora solicitado que escrevessem um segredo de forma anônima, houve resistência da turma.

No último encontro, os/as alunos/as puderam avaliar a

história e o livro “TEENcontrei”, através da atividade “Que bom!”, “Que pena!”, “Que tal?”. Algumas alunas revelaram estarem esperando “mais” do final da história; foram discutidos, então, o mistério e a magia que envolvem os relacionamentos virtuais. Além disso, os/as alunos/as acharam a história curta, sugeriram mais capítulos ou que fosse produzida uma continuação da história, num segundo livro, com uma linguagem mais coloquial.

Avaliando a Experiência

A partir desse relato, posso afirmar que os/as alunos/as gostaram muito do material e participaram bastante das atividades e discussões acerca do livro. Sendo assim, esse material mostra-se atrativo e interessante de ser trabalhado, além de instigar os/as alunos/as a falarem e a refletirem sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades.

Analizando as construções discursivas dos/as adolescentes que emergiram das atividades realizadas a partir do livro “TEENcontrei”, através de suas “narrativas” – falas, desenhos, textos – foi possível verificar de que forma as diversas pedagogias culturais vêm produzindo representações de corpos adolescentes por meio de valores, imagens, sentidos e vão interpelando-os e, dessa forma, (re)significando o processo de fabricação dessas identidades adolescentes. Assim, esses marcadores identitários vêm inscrevendo, nesses corpos adolescentes, modos de ser e de viver tanto a adolescência quanto a sexualidade na contemporaneidade.

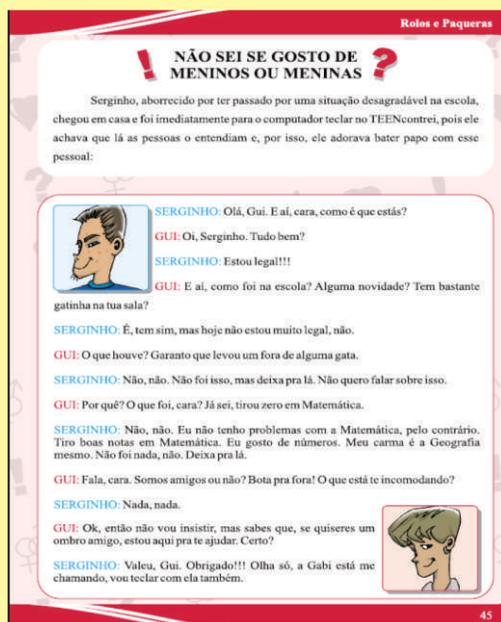
Ao problematizar com os alunos e as alunas a importância atribuída por eles e por elas ao pertencimento do grupo chamado adolescente, a partir dos marcadores sociais relacionados à adolescência, pude problematizar, também, a adolescência como uma construção discursiva e não apenas como uma fase da vida ligada a mudanças corporais e nomeada de forma estereotipada como rebelde.

Este relato buscou mostrar uma possibilidade da utilização do livro em sala de aula bem como afirmar a sua publicação como uma importante ferramenta de trabalho para os/as professores/as que acreditam que, ao discutirmos essas temáticas, estaremos possibilitando outras formas de pensar e agir na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

QUADRADO, Raquel Pereira, MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.) **Teencontrei**: onde a gurizada se encontra. Rio Grande: FURG, 2011.

(*) Professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro José da Silva Paes e doutoranda do PPG Educação (UFPEl)



Prevenção HIV/Aids

■ Esp. Ana Luiza Chaffe Costa (*)

A Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é o estágio mais avançado da doença do sistema imunológico, causada pelo vírus HIV, que ataca as células de defesa do nosso corpo, deixando o organismo mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. Como o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), vírus causador da Aids, está presente em sangue, sêmen, secreção vaginal e leite materno, a doença pode ser transmitida de várias formas.

VOCÊ SABE COMO PODE “PEGAR” HIV ATRAVÉS DO ATO SEXUAL?

 **Sexo Vaginal:** A camisinha deve ser usada sempre, pois a troca de fluidos é intensa entre o casal e a transmissão do vírus ocorre neste contato direto.

 **Sexo Anal:** A camisinha é indispensável, pois durante a relação sexual no ânus, a troca de

fluidos e sangue por cortes microscópicos é intensa, ocorrendo a transmissão do vírus.

 **Sexo Oral no Homem:** Durante a estimulação do pênis, ocorre a liberação do líquido lubrificante, que pode conter HIV. Se a pessoa estiver fazendo sexo oral e tiver qualquer lesão na boca, com sangramento no local, o contato com este líquido poderá transmitir o HIV. Portanto, use camisinha!

 **Sexo Oral na Mulher:** O mesmo cuidado vale para a mulher. Caso a pessoa possua alguma lesão na boca e houver sangramento, o contato com a vulva poderá transmitir o HIV. Neste caso, recomenda-se o uso da camisinha, podendo ser cortada nas suas extremidades e em um dos lados, no sentido longitudinal, formando um retângulo, evitando o contato direto entre a boca e a vulva.

 Usando camisinha no ato sexual, além de se proteger do HIV, você estará se protegendo também de uma infinidade de DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), e evitando a gravidez não planejada.

ASSIM NOS CONTAMINAMOS PELO HIV

-  Sexo na vagina sem camisinha.
-  Sexo oral sem camisinha.
-  Sexo anal sem camisinha.

O que é Janela Imunológica?

Janela imunológica é o intervalo de tempo entre a infecção pelo vírus HIV e a produção de anticorpos anti-HIV no sangue. Esses anticorpos são produzidos pelo sistema de defesa do organismo em resposta ao HIV e os exames irão detectar a presença desses anticorpos, o que confirmará a infecção pelo vírus.

O período de identificação do contágio pelo vírus depende do tipo de exame realizado (quanto à sensibilidade e especificidade) e da reação do organismo do indivíduo. Na maioria dos casos, a sorologia positiva é constatada de 30 a 60 dias após a exposição ao HIV. Porém, existem casos em que esse tempo é maior: o teste realizado 120 dias após a relação de risco serve apenas para detectar os

casos raros de soroconversão – quando há mudança no resultado.

Se um teste de HIV é feito durante o período da janela imunológica, há a possibilidade de apresentar um falso resultado negativo. Portanto, é recomendado esperar mais 30 dias e fazer o teste novamente.

É importante que, no período de janela imunológica, a pessoa sempre faça sexo com camisinha e não compartilhe seringas, pois, se estiver realmente infectada, já poderá transmitir o HIV para outras pessoas.

Fonte: Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

- ⓧ Uso de seringa por mais de uma pessoa.
- ⓧ Transfusão de sangue infectado.
- ⓧ Da mãe infectada para seu filho, durante a gravidez, no parto e na amamentação.
- ⓧ Instrumentos que furam ou cortam não esterilizados.

ASSIM NÃO NOS CONTAMINAMOS COM HIV

- ⓧ Sexo desde que se use corretamente a camisinha.
- ⓧ Beijo no rosto ou na boca, aperto de mão ou abraço, suor e lágrima.
- ⓧ Picada de inseto.
- ⓧ Sabonetes/toalhas/lençóis/ talheres/copos/assentos de ônibus/piscinas/banheiros.
- ⓧ Doação de sangue.
- ⓧ Pelo ar.

POR QUE FAZER O TESTE DE AIDS?

Saber do contágio pelo HIV precocemente aumenta a expectativa de vida do soropositivo. Quem busca tratamento especializado no tempo certo e segue as recomendações do médico ganha em qualidade de vida.

Além disso, as mães soropositivas têm 99% de chance de terem filhos sem o HIV, se seguirem o tratamento recomendado durante o pré-natal, parto e pós-parto. Por isso, se você passou por uma situação de risco, como ter feito sexo desprotegido, ou compartilhado

seringas, faça o exame!

O diagnóstico da infecção pelo HIV é feito a partir da coleta de sangue. No Brasil, temos os exames laboratoriais e os testes rápidos, que detectam os anticorpos contra o HIV em até 30 minutos, colhendo uma gota de sangue da ponta do dedo. Esses testes são realizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nas unidades da rede pública e nos Centros de Testagem e Aconselhamento - CTA. Os exames podem ser feitos inclusive de forma anônima. Nesses centros, além da coleta e da execução dos testes, há um processo de aconselhamento, antes e depois do teste, para facilitar a correta interpretação do resultado pelo paciente.

(* Especialista em Gestão Empresarial (FURG) e coordenadora do GAPA-RG (Grupo de Apoio à Prevenção da Aids-Rio Grande)

FAÇA O TESTE HIV EM RIO GRANDE

CTA (CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO) - CASA DA CRIANÇA Dr. AUGUSTO DUPRAT, na rua Bento Gonçalves, 451.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO Dr. MIGUEL RIET CORRÊA

Disque AIDS: 0800-5410197

Lembre-se, não use medicamentos sem prescrição de seu médico. Procure uma Unidade Básica de Saúde mais próxima de sua casa.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PREVINA-SE. Como evitar a aids, as hepatites virais e outras DST. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/previnase>>. Acesso em: 22 jul.2013.

Crédito:

Ana Luiza Chaffe Costa
Indira Saad Brum
Rosana Saad Caetano
GAPA-RG
GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO DA AIDS – RIO GRANDE
Rua Zalony, 276 – Centro
E-mail: gapa-rg@vetorial.net



Artefatos Culturais: *algumas* **possibilidades** *para promoção de uma* **educação** *para* **sexualidade**

■ Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães (*)
■ Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro

Nos últimos anos, temos visto um debate crescente sobre as temáticas relacionadas a diversidade sexual, de gênero e étnico-racial. Aliados a esse debate, também percebemos um aumento significativo no número de produções a esse respeito, ou seja, sites, livros, filmes, entre outros artefatos culturais que vem (re)produzindo significados e representações sobre tais temas. Esse incremento de publicações nos impulsionou pesquisar como alguns artefatos culturais – livros infantis, vídeos e revistas de divulgação – podem estar articulados as nossas práticas pedagógicas.

Em nossos trabalhos estamos caracterizando os artefatos culturais como resultados de um processo de construção social. Nessa perspectiva, as revistas, programas de televisão, músicas, imagens, livros, filmes, jornais, entre outros são considerados artefatos culturais, pois são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura.

Ao entendermos que a linguagem constitui os

objetos de que fala, entendemos que os artefatos culturais produzem significados do que é ser homem, mulher, homossexual, negro, índio, gaúcho, entre outras identidades. São essas construções, produzidas no interior de determinados discursos e práticas sociais imbricadas em relações de poder, que instituem os sujeitos e a cultura.

Tais artefatos contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser, estar e entender o mundo, construindo e reproduzindo significados sociais. Assim, sendo a escola uma instituição de destaque na produção social de representações acerca da diversidade sexual, de gênero e étnico-racial, torna-se relevante agregarmos em nossas práticas pedagógicas diversos artefatos culturais.

Apresentamos algumas possibilidades de redes sociais, revistas, filmes e sites que podem ser usados na sala de aula a fim de discutir as formas como tais temáticas vêm sendo representadas e produzidas na nossa cultura.

(*) Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

HOMOFOBIA:

a rede social Facebook como fonte de difusão do preconceito

■ Nélia Regina Mello Gomes Pereira
Bolsista Iniciação Científica/ Fapergs

A homossexualidade deixou de ser considerada crime desde 1830. O “homossexualismo”, no dia 17 de maio de 1990, foi retirado da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS) e, apesar disso, os/as homossexuais ainda são penalizados/as pela sociedade, não judicial ou criminal, mas moralmente com palavras ofensivas e muitos são assassinados/as. Em 2011, levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) identificou 266 homossexuais assassinados/as no país. O estudo, que é feito anualmente pela organização desde 2004, aponta para um aumento do número de crimes contra a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) no Brasil. Entre 2007 e 2011, o aumento foi de 122%.



A interatividade ao nos aproximar de um número muito grande de pessoas coloca em evidência pontos de vista, opiniões de todas correntes filosóficas. “A web como vemos hoje, é produto de efeitos em rede que surgem quando grande número de internautas realiza boa parte de suas atividades nela, utilizando sua dimensão colaborativa e interativa”, de acordo com Pisani, blogueiro do Le Mond e autor do livro Como a web transforma o mundo.



A difusão de ideias e ideais nas redes sociais acontece de forma instantânea e com alcances inimagináveis até pouco tempo atrás. A disseminação de material



homofóbico, muitas vezes camuflada, é uma constante. Alguns usuários dessas redes montam páginas, blogs e sites para essa prática e outras pessoas seguem repercutindo tais ideias ao postar piadas de cunho machista, racista e sexista, sem nem ao menos perceber. Raquel Recuero, pesquisadora das redes sociais na internet, afirma que ocorreram inúmeras transformações sociais com o surgimento da internet. Uma das mais significativas foi possibilitar o estabelecimento de redes de socialização através das ferramentas de comunicação dos computadores.

Prefeito de cidade de maioria cristã se assume gay e critica Marco Feliciano: “Deus me ama como homossexual”



Se a moda pega, logo logo, homens como o Maniaco de Novo Hamburgo que atacou quatro casais, matou sete pessoas e deixou tetraplégica uma menina de 14 anos dirão que “Deus os ama como assassinos...”

MULHERES E HOMENS UNIDOS A FAVOR DA FAMÍLIA E DA JUSTIÇA



No Facebook, quando um amigo “curte” ou compartilha uma postagem de alguém de sua lista de amigos, nós temos acesso a esse material, e essa informação vai sendo acessada, “curtida” e compartilhada por tantos usuários da rede, que é perdida a origem da mesma. Os “posts” mostram o que a homofobia “exprime na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas aparece também nos textos de professores e de especialistas ou no decorrer de debates públicos. [...] Invisível, cotidiana, compartilhada, a homofobia participa do senso comum [...]” aponta Borrillo (2010).

REFERÊNCIAS

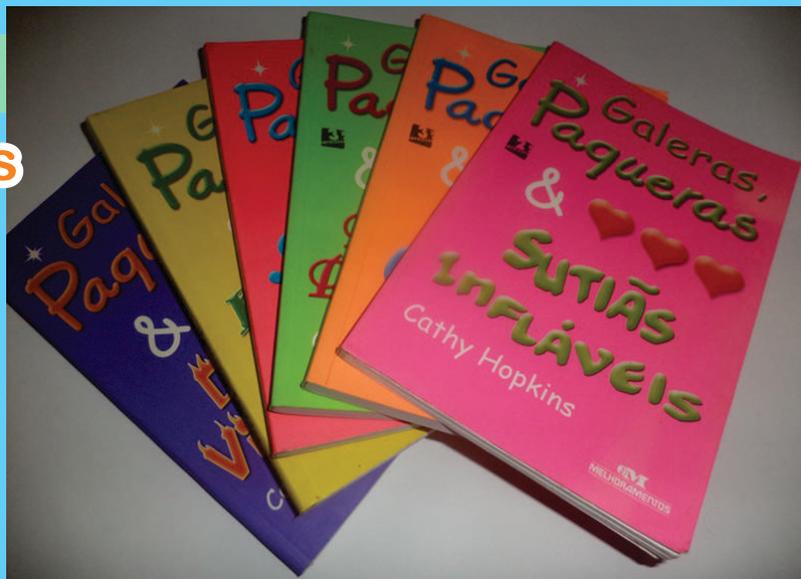
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PISANI, Francis; PIOTET, Dominique. **Como a Web Transforma o Mundo – A Alquimia das Multidões**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

Galeras e Paqueras

■ **Caroline Amaral Amaral**
Bolsista Iniciação Científica/ CNPq

Discutir sobre sexualidade dentro do ambiente escolar para muitos/as professores/as é um grande desafio. Lidar com uma turma de crianças e adolescentes pode trazer alguns assuntos para dentro da sala de aula, podendo causar algum "desconforto" para você, docente. Sexualidade, namoro, sexo, homossexualidade, "primeira vez"... dentre outras temáticas que podem estar presentes em rodas de conversa e, a partir disso, você se vê perante a situação de decidir se dá seguimento ao assunto, ou o interrompe o mais depressa possível.

Para vocês, professores/as, que desejam introduzir no espaço da sala de aula discussões que abarquem temas como gênero e sexualidade, aí vão algumas dicas de leituras que podem auxiliar nesse processo de inserção. *Galeras e Paqueras*, de Cathy Hopkins, destina-se ao público infanto-juvenil, com idade entre 12 e 17 anos. Nessas leituras, você encontrará, através de histórias vividas pelas personagens, temas como: a primeira paixão, dificuldade de conquistar os garotos, aceitação dentro de diferentes grupos de garotas, fases de reconhecimento do eu, rejeição do grupo, vida de solteira, o processo de mudança entre adolescência e fase adulta. Essa é uma coleção destinada especificamente às meninas, porém os assuntos, que vão emergindo durante a narrativa, trazem temáticas que oportunizam discussões na sala de aula com toda



a turma. Com o uso desse material, além de introduzir essas temáticas, simultaneamente, você estará estimulando o hábito de leitura entre seus/suas alunos/as. As edições de *Galeras e Paqueras* aconteceram entre 2005 e 2006. No entanto percebe-se que essas temáticas continuam atuais, mostrando ao seu público-alvo que seus anseios, ainda hoje, são compartilhados por muitos jovens.

Além da coleção de Cathy Hopkins, sugiro, também, apresentar à turma, outras opções de leituras, como as revistas infanto-juvenis, em forma de *mangá*, da *Turma da Mônica Jovem*, atual e de grande circulação entre crianças e adolescentes, pois podem contribuir para as discussões dentro do espaço da escola. Outra alternativa é perguntar à turma quais os tipos de livros que cada um tem lido, o que busca nessas histórias e que tipo de temáticas costumam emergir a partir das leituras. E com isso, você poderá desenvolver um instigante trabalho no espaço escolar.

Sites:

■ Acadêmica Francine do Amaral Coelho

- ★ O site do "Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola", em que consta uma biblioteca com textos, teses, dissertações, dentre outros materiais relacionados às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.
<http://www.sexualidadeescola.furg.br/>
- ★ "Mundo jovem, um jornal de ideias" traz em pauta Projetos Pedagógicos- Ateliê sobre Gênero e Sexualidade, trazendo as relações e a discussão entre sexualidade e gênero com alunos/as e professores/as, favorecendo o desenvolvimento das habilidades.
<http://www.mundojovem.com.br/projetos-pedagogicos/projeto-atelie-sobre-genero-e-sexualidade>
- ★ O grupo "Transas do Corpo" traz ações educativas em gênero, saúde e sexualidade trazendo sugestões de filme para ampliar as visões a respeito do assunto.
<http://www.transasdocorpo.org.br/oferecemos/sugestoes-de-filmes/lista-de-filmes-para-ampliar-visoes-sobre-sexualidade-e-relacoes-de-genero>
- ★ O site informativo traz o estatuto, histórico, campanha, apoiadores, fotos e vídeos da diversidade sexual.
<http://www.estatutodiversidadesexual.com.br/>

Filmes e vídeos que abordam as diversidades

■ **Jozeane Lopes Villar**
Bolsista Iniciação Científica

As temáticas que abordam os assuntos relacionados aos gêneros, corpos e sexualidades aparecem em muitos artefatos culturais (filmes, charges, livros, sites, entre outros) sendo apresentadas nas mais diversas formas. Geralmente, filmes e vídeos chamam bastante atenção e são ótimos para serem trabalhados em sala de aula, ou em outras discussões, para conversar sobre todas as questões de diversidade. As opções são vastas, filmes de comédia, ação, animações infantis, dramas e até mesmo filmes épicos.

As histórias apresentadas nos filmes e vídeos, na maioria das vezes, reproduzem situações vivenciadas pelas pessoas. Assim, esses artefatos levam-nos a olhar e analisar essas situações e a nos questionar sobre as questões de gêneros, corpos e sexualidades. Para tanto, trago algumas sugestões de filmes e vídeos que abordam, das mais diferentes formas, essas temáticas. Assim podemos discutir esses temas e levá-los para a sala de aula.

Filme **A pele que habito** – “La piel que habito”

Tempo: 117 minutos

É um filme espanhol, de 2011, estrelado por Antônio Banderas, Elena Anaya e Marisa Paredes, que conta a história de uma pessoa que está aprisionada na casa de um conceituado cirurgião plástico, que se especializa em reconstituição de pele, pois sua esposa sofre um acidente e fica com o corpo totalmente queimado. Antes que sua esposa possa melhorar, ela vê o seu reflexo e se suicida. O casal tem uma filha com problemas psiquiátricos, a qual supostamente foi abusada por um rapaz e também se suicida. Assim, esse filme aborda a temática de estar aprisionado em um corpo no qual a pessoa não se identifica.

Filme **Flor do deserto** – “Desert Flower”

Tempo: 120 minutos

Filme de 2009, é baseado em um best seller homônimo que é a autobiografia da modelo somali Waris Dirie, que sofreu mutilação genital feminina, quando tinha três anos e, aos 13 anos, foge, atravessando o deserto por dias, para escapar de um casamento arranjado e é mandada por sua avó para Londres para trabalhar como empregada doméstica.

Esse drama mostra a história da mutilação feminina, prática muito frequente nos países africanos. Com toda pressão cultural, as mulheres que não passavam por esse ritual eram consideradas prostitutas, impuras e não poderiam se casar. Aborda o papel da mulher apenas como uma progeneritora, já que o prazer não é importante e o clitoris não teria função.

Filme **G.I. Jane** - Até o limite da honra

Tempo: 124 min

Filme americano, de 1997, estrelado por Demi Moore, que conta a história de uma tenente da Marinha Americana, que é a primeira mulher a receber o treinamento de combate pelo grupo de elite e todos esperam que ela falhe e não consiga finalizar o treinamento.

Nesse filme, a protagonista tem que lidar com situações onde fica muito marcado o preconceito com as mulheres, ideias que abordam polêmicas como as mulheres não podem ou não conseguem fazer atividades historicamente masculinas e, no filme, ela luta pela igualdade, e depois de muito esforço, consegue o respeito de

seus colegas e comandantes. Fazendo uma metáfora com todas as situações vividas nos cotidianos das mulheres e como elas têm que, diariamente, romper com ideias machistas e da visão da mulher como passiva, frágil, que cuida dos filhos e que têm os direitos diferentes dos homens.

Vídeo **Vestido Novo** – “Vestido Nuevo”

Tempo: 14 min

O vídeo é um curta espanhol, que conta a história de Mário, um menino que gostava de usar vestidos e pintar as unhas com esmaltes bem brilhosos. Na escola, no dia de carnaval, ele decide colocar um vestido ao invés da fantasia de dalmata, como os seus outros colegas, gerando a surpresa de todos. Esse curta-metragem mostra as questões de gêneros que são polêmicas, que instituem modos de ser meninos e meninas.

Filme **“Mulan”**

Tempo: 98 min.

Filme de animação da Disney, de 1998, baseado em uma lenda chinesa, conta a história de uma jovem que se passa por um guerreiro no lugar do seu pai debilitado.

Na história, Mulan está na idade de se casar. Assim ela precisa aprender a ser uma esposa ideal, usar roupas e maquiagens - lembrando que as chinesas devem ser muito brancas e terem os pés muito pequenos (atrofiados), assim sofrendo pelo corpo "ideal" -, além de ter que mudar a sua forma de se portar e agir perante a sociedade. No desenrolar da história, um homem de cada família deveria atuar na guerra que estava ocorrendo na China. Assim, o pai de Mulan é convocado, porém ela vai em seu lugar, pois ele está muito doente e sem condições de guerrear e sair vivo de uma guerra. Mulan se passa por homem, cortando o cabelo, portando-se e vestindo-se como um guerreiro.

Desenho **Bob Esponja Calça Quadrada** “Spongebob Squarepants”

Tempo: Média por episódio: 20 min.

É uma série de desenho animado da TV americana, que chegou ao Brasil em 1998 e foi criada por um biólogo marinho e animador. A série gira em torno das aventuras do Bob Esponja, uma esponja de louça que vive numa cidade submarina chamada Fenda do Biquíni e convive com amigos que são os mais diversos animais. Depois do grande sucesso da série já foram produzidos dois longa - metragens.

O Bob Esponja é um personagem do gênero masculino, que apresenta características como ser meigo e frágil, além de assumir o “papel” de mãe em episódios onde ele cria um bebê ostra, em que seu melhor amigo Patrick (uma estrela-do-mar) é seu marido. Assim é um ótimo artefato para discutir as questões de gêneros, corpos e sexualidades.

E aí comeu?

Filme de comédia brasileiro, estreado em 2012 e com a participação de Bruno Mazzeo, Marcos Palmeira e Emilio Orciolo Netto. Conta a história de três amigos vivendo situações amorosas diferentes: um deles sofrendo uma separação; outro com problemas em seu casamento; e o último é um solteirão que se relaciona com profissionais do sexo. No decorrer do filme, os três encontram - se frequentemente em um bar, onde discutem muitos temas com posicionamentos machistas. Por outro lado, eles são extremamente subordinados às mulheres e totalmente apaixonados por elas.

Fala aí, professor/a!

■ Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães
■ Msn. Jordana da Rocha Bittencourt (*)

Esse espaço de nossa revista é destinado para você conversar conosco sobre algumas situações que ocorrem em sua escola. Assim, estaremos nesse diálogo indicando algumas possibilidades de trabalho para a promoção de uma educação para sexualidade em sua escola.

Prezadas editoras. Escrevo, pois não sei como proceder com uma aluna. A menina me relatou que depois que postou no facebook algumas fotos sensuais, exibindo seu corpo, está sofrendo muito. Seus pais não falam mais com ela e seus colegas deboçam e a ofendem. Ela não entende os motivos que levam essas pessoas a agirem dessa forma com ela, pois acredita que não fez nada de errado. Devo interferir? O que posso fazer para ajudá-la?

Olá colega. Esse teu anseio vem ao encontro de alguns fatos parecidos que professores e professoras nos relatam. Hoje observamos muitas/os adolescentes exibindo seus corpos nas redes sociais. Assim, respondemos a tua primeira pergunta, afirmando que deves interferir no caso dessa aluna, não apenas para ajudá-la, mas propomos que este seja um trabalho realizado com toda a turma. Na mídia, são visibilizados os corpos femininos, marcados pela sensualidade e beleza. Cabe uma discussão com essas/es adolescentes sobre o eixo público/privado. Assim, não entramos no juízo de valores sobre a vontade dessa menina de fotografar seu corpo e achá-lo bonito, mas de problematizar o quanto isso é da esfera privada e pessoal. Outra discussão que poderá ser realizada na turma está relacionada às questões de gênero. A visibilidade que o corpo feminino adquiriu nas últimas décadas, principalmente nos meios de comunicação, tem-no colocado como objeto a ser desejado, tanto por homens quanto por mulheres seja em um padrão estético almejado, seja para venda de mercadorias. Tais representações têm norteado algumas construções acerca dos corpos e dos sujeitos masculinos e femininos.

Prezadas editoras.

Eu tenho uma aluna que relatou um caso de violência sexual. Um dia, chegando na escola, um homem a levou a casa dele e a estuprou, dizendo que se ela contasse o fato para alguém, ele a mataria. Sua mãe percebeu que havia algo errado e levou-a ao médico, que constatou o estupro. Como devo proceder em casos como este?

Olá, professora. A violência sexual é uma das práticas que mais causa danos no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Cabe destacar que existem diferentes modalidades de abuso sexual, cometidas contra crianças e adolescentes, sendo diversos os modos de sua expressão, não se limitando às agressões físicas e psicológicas relacionadas ao ato sexual. Respondendo a tua pergunta, destacamos que existem definições e artigos na esfera legal, que objetivam proteger a criança e o/a adolescente. O artigo 227 *caput*, da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirmam que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao/a adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los/las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O ECA orienta que, em caso de transgressão, é obrigatória a notificação dos casos, independente da certeza ou confirmação dos fatos. O simples fato de suspeitar de algum caso de abuso deve ser comunicado ao Conselho Tutelar de tua cidade, conforme aponta o artigo 13, do ECA. É importante apontar que a legislação obriga a efetuar a denúncia, sob risco de punição administrativa, se for feito. O art. 245 do ECA aponta que serão multados/as os/as profissionais que atuam em estabelecimentos de saúde e educação que não comunicarem aos órgãos competentes os casos de abuso e maus tratos contra crianças e adolescentes.

Assim, professora, entendemos a importância de encaminhares a denúncia através do Disque 100 ou do Conselho Tutelar de tua cidade.

Prezadas editoras.

Tenho enfrentado certa dificuldade, pois não sei como lidar com um aluno. Desde que o pátio da escola foi dividido entre meninas e meninos, esse aluno tem se sentido perdido, já que antes ele ficava com as meninas e agora se vê obrigado a ficar junto com os meninos, que até o convidam para jogar futebol, mas ele não gosta. O que devo fazer?

Prezada leitora. Privar meninas e meninos de interagir através dos jogos e das brincadeiras no pátio da escola não possibilita que esses sujeitos possam conviver e construir relações de respeito. É importante pensar o quanto esses sujeitos interagem em outras tantas instâncias sociais, que não só a escola, não tendo separações e demarcações de espaços. Gostaríamos de problematizar contigo o quanto a separação do pátio acaba reforçando as questões e diferenças de gênero. O fato de considerarmos os meninos mais brutos e que podem machucar as meninas, pois elas são frágeis, acaba por (re)produzir algumas representações de que os meninos gostam de brincadeiras violentas e agitadas e as meninas de atividades mais passivas e calmas. O que esse aluno nos sinaliza é a importância de possibilitarmos, na escola, espaços em que meninos e meninas possam brincar, jogar e interagir naquilo que preferem e não apenas no que é dito como o mais apropriado para cada gênero.

Escrevo pedindo alguma orientação no caso de uma menina que temos em nossa escola. Ela usa roupas justas, decotadas; parece essas "piriquetes". Além disso, uma professora pegou ela e mais outra menina acariciando as partes íntimas de um menino, dentro da escola. Chamamos, enquanto supervisão, as meninas, seus pais e aplicamos uma advertência para cada uma. Se elas continuarem com as mesmas atitudes, o que posso fazer?

Colega. Primeiramente, gostaríamos de problematizar contigo o fato de a escola só ter conversado e punido as meninas. Isso mais uma vez reforça alguns estereótipos de gênero que são construídos em nossa sociedade, por exemplo, apontar as meninas como "piriquetes" e que elas são as "culpadas" por "provocar" os meninos. O que sugerimos é promover na escola

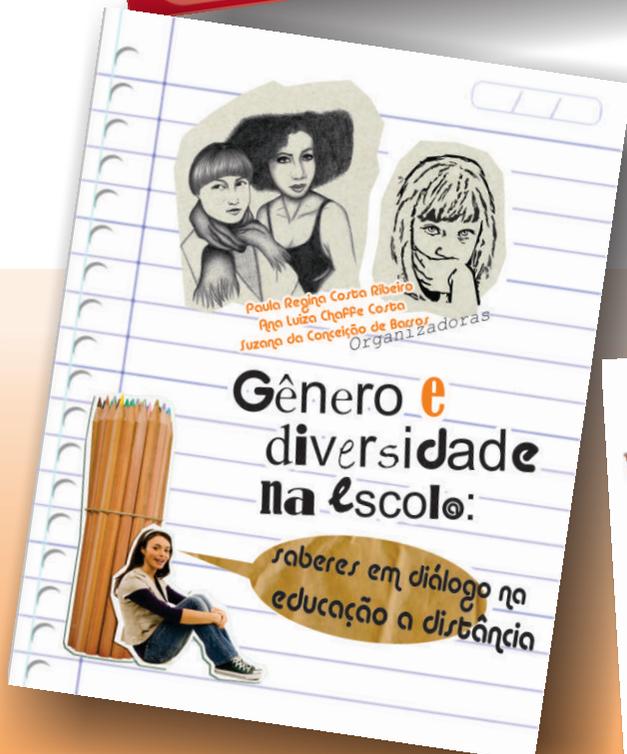
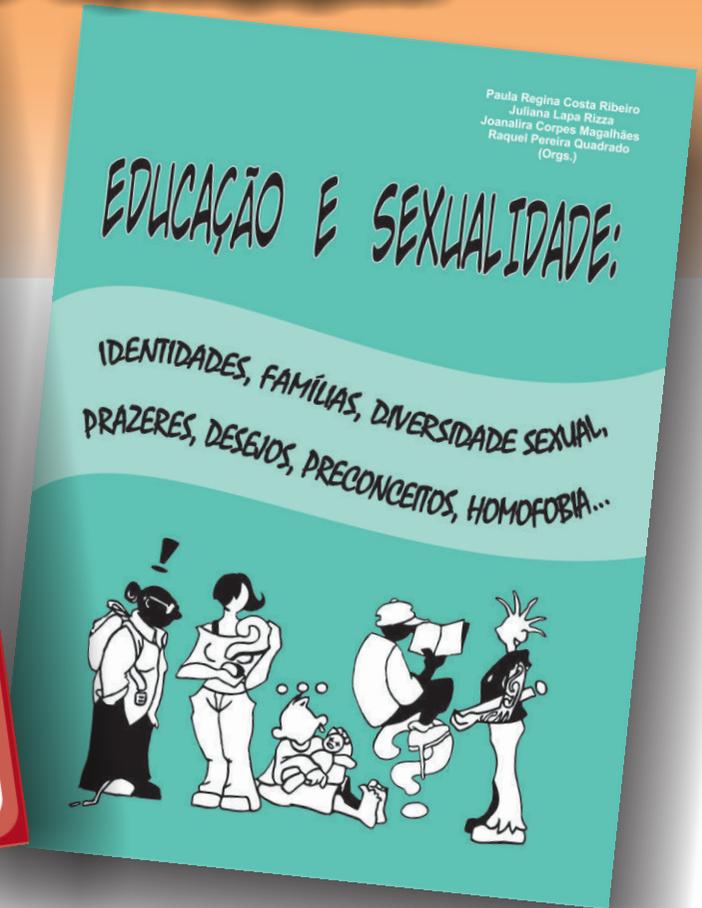
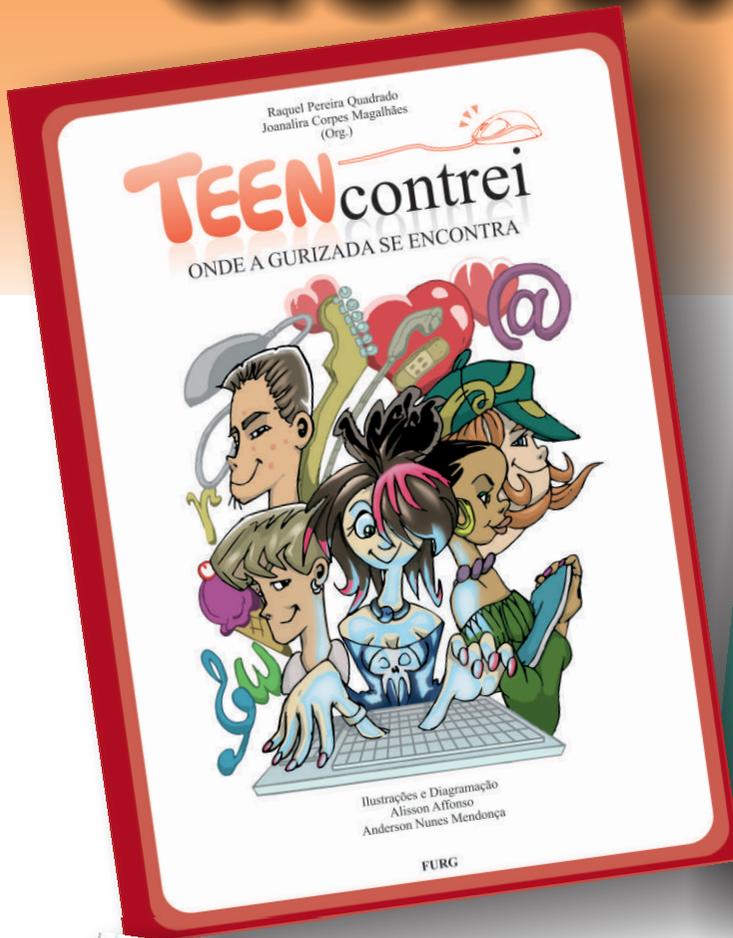
Olá editoras. Sou diretora de uma escola em Rio Grande e não sei como proceder no caso de um aluno de 15 anos que está há apenas um ano em nossa escola. Ele assumiu publicamente que é gay e, desde então, está sofrendo bullying tanto pelos colegas quanto por alguns/algumas professores/as. Os/as colegas o ofendem e o ameaçam. Os/as professores/as assistem a tudo isso e não fazem nada; melhor, fingem que não estão vendo o que se passa com esse menino. Ele veio até minha sala e me contou sua história, que na escola anterior tinha sido até agredido fisicamente e está com medo de que isso aconteça aqui. Não sei o que posso, como diretora, fazer, para que ele não desista de seguir estudando.

Querida leitora. Obrigada por trazer essa questão que é tão importante para todos/as nós, professores/as, alunos/as e cidadãos/ãs em geral. Infelizmente, a homofobia é um tema bastante comum em nossas escolas. Nesse espaço, os/as professores/as devem atuar no combate à violência e discriminação dos sujeitos vistos como "diferentes". Portanto ninguém tem o direito de excluir, perseguir ou insultar, o/a aluno/a, por ser ele/a homossexual ou não. Este tipo de atitude, a homofobia, acaba afastando esses/as jovens da escola. Nesse contexto, percebo que estimular o debate sobre o assunto, nesse espaço, ajudaria para que as pessoas pensassem um pouco mais a respeito desta questão, já que atitudes dentro da escola refletirão fora dela, se buscamos uma sociedade justa e livre de preconceitos.

atividades sobre as questões de gênero e sexualidade, possibilitando que meninas e meninos possam refletir sobre essa temática. Não falar sobre o assunto só aumenta as dúvidas, os questionamentos e a (re)produção desses estereótipos por parte desses/as jovens. Também é interessante discutir o uso de determinadas roupas em certos locais, entendendo que dependendo do espaço em que estamos, algumas formas de se vestir e posicionar são mais apropriadas. A promoção desse debate, e a formulação de questões possibilitam discutir diferentes formas de pensar sobre um mesmo tema, a sexualidade, sem impor o que é certo e errado. Assim, proporcionar informações, de forma responsável, sobre sexualidade permite ao jovem decidir de que maneira vai construir suas atitudes.

(*) Mestranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

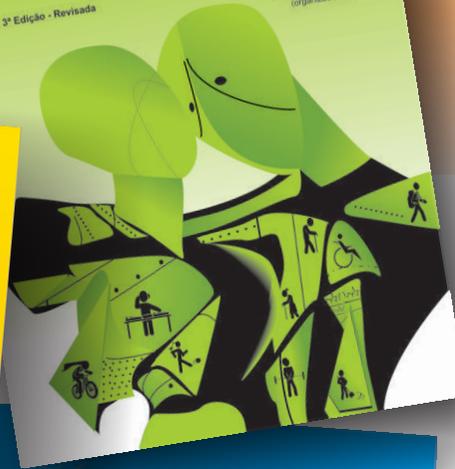
GESE: produção de artefatos culturais e pedagógicos



**SEXUALIDADE E ESCOLA:
COMPARTILHANDO SABERES E
EXPERIÊNCIAS**

Fabiana Ferreira da Silva
Joanilson Corpes Magalhães
Paula Regina Costa Ribeiro
Raquel Pereira Quadredo
(organizadoras)

3ª Edição - Revisada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Corpos, Gêneros e Sexualidades:
questões possíveis para o currículo escolar**



GRUPO DE PESQUISA SEXUALIDADE E ESCOLA
www.sexualidadeescola.furg.br

Paula Regina Costa Ribeiro
Raquel Pereira Quadredo
(Orgs.)

**Corpos, gêneros
e sexualidades:
questões possíveis para o currículo escolar**



Caderno Pedagógico
Anos Finais
2ª ed. Revisada e ampliada

Paula Regina Costa Ribeiro
(organizadora)

**Corpos, gêneros
e sexualidades:
questões possíveis para o currículo escolar**

Caderno Pedagógico
Anos Iniciais
3ª Edição Revisada

I Mostra Cultural sobre Diversidade



Sexual e de Gênero



TEMÁTICAS

- ✓ Combate à violência contra mulheres e homens.
- ✓ Enfrentamento à homofobia.
- ✓ Promoção da equidade de gênero.
- ✓ Promoção da cidadania LGBT.
- ✓ Igualdade de direitos entre homens e mulheres.

INSCRIÇÕES

- ✓ De 14 a 25 de outubro de 2013 - 8h30min às 11h30min e das 14h às 17h.
- ✓ Serão gratuitas.
- ✓ A ficha de inscrição poderá ser retirada na secretaria do CEAMECIM, Campus Carreiros da FURG ou através do site www.sexualidadeescola.furg.br, no link **I Mostra**.
- ✓ A produção do/a participante - desenho, jingle, poesia e/ou slogan – deverá ser anexada à ficha de inscrição e entregue no CEAMECIM.

MODALIDADES

Os/as candidatos/as poderão escolher dentre 4 (quatro) modalidades:

- ✓ slogan,
- ✓ desenho,
- ✓ poesia,
- ✓ jingle.

PARTICIPANTES

- Estudantes de instituições públicas do Rio Grande:
- ✓ dos Anos Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental;
 - ✓ do Ensino Médio;
 - ✓ da FURG.

PREMIAÇÃO

- ✓ Estudantes
 - ✓ 1º lugar: 1 tablet de 7"
 - ✓ 2º lugar: 1 pen drive
- ✓ Escolas dos/as alunos/as premiados/as em 1º lugar receberão 1kit pedagógico
- ✓ A premiação será no dia 28 de novembro de 2013, no CIDECSUL – Campus Carreiros da FURG.
- ✓ Todos/as os/as participantes terão suas produções expostas, neste dia, no CIDECSUL.

REGULAMENTO DA I MOSTRA

Regulamento e maiores informações no site www.sexualidadeescola.furg.br, no link **I Mostra**.

INFORMAÇÕES

Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE
CEAMECIM – FURG
Av. Itália, km 8, Campus Carreiros
Fone: 3233-6709/3233-6674



DAISUL



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico